3 1761 07044561 4

THEATRO

DO MESMO AUCTOR

Sertão, 1 vol. br.... 600
A Bico de Penna, 1 vol. br. 700
Agua de Juventa, 1 vol. br. 700
Romanceiro, 1 vol. br. 500
Theatro, 1 vol. br. 400
Fabulario, 1 vol. br.... 500
Jardim das Oliveiras, 1 vol. br. 500
Esphinge, 1 vol. 600

No prélo — a seguir-se em novas edições:

Miragem, 2.ª edição ... ... 1 vol.
Capital Federal... ... ... 1 vol.
O Rei Phantasma ... ... 1 vol.
Inverno em Flor ... ... 1 vol.
O Morto ... ... 1 vol.
O Paraiso ... ... 1 vol.
O Rajah de Pondejab... ... ... 2 vol.
A Conquista ... ... 1 vol.
A Tormenta ... ... 1 vol.
O Turbilhão ... ... 1 vol.

Coelho Netto

COELHO NETTO

THEATRO IV

QUEBRANTO

COMÉDIA EM 3 ACTOS ESCRIPTA EXPRESSAMENTE
PARA A
COMPANHIA DO THEATRO DA EXPOSIÇÃO NACIONAL
E O SAINETE

NUVEM

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES
RUA DAS CARMELITAS, 144
1908

LIBRARY
JUN 25 1986
UNIVERSITY OF TORONTO

Composto em machina americana

((MERGENTHALER))

PORTO — Imprensa Moderna

Rua da Rainha D. Amelia, 61

CALL NO.:

PQ
9697
C42Q44
1908
c.1
ROBA

AUTHOR:

TITLE:

VOL:

DATE CHARGED:

TO

TICK AND INITIAL

BINDING SECTION _____ ☐

_____ CAT. DEPT. ☐

COLLATION SECTION _____ ☐

ORDER SECTION _____ ☐

PHOTOCOPY _____ ☐

RARE BOOKS DEPT. _____ ☐

REFERENCE DEPT. _____ ☐

☐

COME

A Co

PESSOAL

FORTUNA	Snr. Ferreira de Souza
MACARIO	„ Alfredo Silva
JOSINO	„ Marzullo
PRAXEDES	„ Nazareth
VICTOR	„ João de Deus
MOTTA	„ Fonseca
1 CRIADO	
DÓRA	Snr.ª Lucilia Peres
AMELIA	„ Luiza de Oliveira
CLARA	„ Gabriella Montani
QUITA	„ Julieta Pinto
ZUZA	„ Christina Lins
BASILIA	„ Estephania Louro
THEREZINHA	„ Natalina Serra
FRANCISCA	„ Emilia Pinho
1 MENINA	

ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

Salão elegante, luxuoso sem espalhafato, revelando gosto fino. Portas lateraes e ao fundo, abrindo esta sobre uma galeria reverdecida de plantas.

SCENA PRIMEIRA

Amelia, em trajo elegante de interior, folheia distrahidamente um jornal de modas. Macario entra pelo fundo respirando uma rosa. Momento de silencio.

Macario, *implantando a rosa na botoeira:*

Então? Falaste? disseste-lhe alguma coisa?

Amelia, *sem voltar-se:*

Ainda não. Não houve ensejo. Mas não te preoccupes: ha de ir, temos por nós o melhor advogado — o inverno.

Macario

A *season*...

Amelia

Ha de convencel-a.

Macario

A repugnancia é natural, deixa lá.

Amelia

Sim, é natural, mas vence-se. Eu só receio que exista no coração alguma coisa...

Macario

Que coisa?

Amelia

Ah! meu amigo, eu passei pelos dezoito annos... o amor...

Macario

Desconfias?

Amelia

Filho, não sei. Só te digo que o amor ha de ser sempre o amor.

Macario

Mas o amor desappareceu, era a innocencia do coração e a Humanidade está na idade adulta. Amor! *(Pausa)*: O amor vem, como o appetite — casando. Ella que se mire em ti. E's feliz, verdadeiramente feliz, e foste para a igreja quasi arrastada.

Amelia

Sim, mas commigo o caso era mais serio...

Macario

Como mais serio? *(Alarmado):* Mais serio do que o de Dóra?

Amelia, *um momento, sisuda:*

Não, nem tanto... Tratava-se de curar-me de uma paixão funesta... e compromettedora.

Macario

E fui eu a triaga?

Amelia

Maravilhosa!...

Macario

Sim, mas suei! A nossa noite de nupcias deu-me agua pela barba. E que lúa de mel atanazada! *(Pausa)* Mas, francamente, aqui entre nós — porque embirravas commigo? Se eu não tinha o ar fatal do Julio e os bigodes encalamistrados, não era tambem um sabugo, isso não era...

Amelia

Sim, mas estavas muito longe de realisar o meu ideal.

Macario

Ah! tinhas um ideal?

Amelia

Em 1880 todas as moças tinham o seu ideal.

Macario

E o teu, qual era? o Julio?

Amelia

Eu lia muito, estava encharcada de romances, tinha assignatura em um livreiro e sonhava um marido como os heróes dos meus autores favoritos: um homem que fosse, ao mesmo tempo, flexivel como um junco e fórte como um carvalho, rico como Aladino e poeta como Lamartine, valente como um mosqueteiro e elegante como o principe de Sagan...

Macario

Flexibilidade, não digo, mas robustez, que diabo! eu era um touro! e, se não fazia versos cantava módinhas ao violão com muito sentimento. Valente, não digo que fosse, mas tambem não era um maricas e, quanto á elegancia, não havia janota mais casquilho. Guapo era eu, isso lá... E o ar...!?

Amelia

Ar...! com uma barriga que empurrava a gente...

Macario

Empurrava a gente?

Amelia

A' valsa... Eu tinha impressão de andar ás voltas com uma bóia quando valsava comtigo.

Macario, *grave:*

Sim, mas foi a minha barriga que te salvou: se hoje fluctúas no conceito da sociedade deves a esta boia.

Amelia, *sorrindo:*

Presumpção...

Macario

E' o que digo... E não me tróco pelo mais pintado.

Amelia

Mais pintado do que tu, só um retrato a oleo.

Macario, *d'impeto:*

Pinto-me porque é necessario. O mundo é das apparencias. Não me pintasse eu e tu serias a primeira a desviar os olhos de mim. Pintam-se as casas, porque não se hão de pintar os homens? Mas deixemos a philosophia. Vamos ao que interessa...

Amelia

O caso está resolvido. *(Pausa.)* Elle, em verdade, nada tem de poetico...

Macario

O caso?

Amelia

O homem...

Macario

Ora, o homem... O tempo não é de poesia. A poesia está morta.

Amelia

Falta-lhe muita coisa, em compensação...

Macario

Tem tudo.

Amelia

Tudo, não digo; mas o principal para a mulher...

Macario

Perdão...

Amelia, *sorrindo:*

Ora, filho, em havendo dinheiro... o mais vem com o tempo.

Macario

Isso é que não vem; antes pelo contrario.

Amelia

Um marido é o sujeito da oração.

Macario

E no caso presente é, tambem, o verbo.

Amelia

O complemento...

Macario

Está occulto.

Amelia

Por emquanto.

Macario

Falas de um modo...

Amelia

Como queres que eu fale? conheço o mundo.

Macario

Mas na oração aqui de casa...

Amelia, *com intenção:*

O complemento... está incluido no sujeito...

Macario

Sabes grammatica, é o que te vale.

Amelia

Mas deixemos a pilheria, tratemos do assumpto.

Macario

Que é serio.

Amelia

Muito serio! Desprezar um homem que possúe oitocentos contos...

Macario

Fóra os seringaes... ..

Amelia

Sim, fóra os seringaes, só porque tem gelhas...

Macario

E dentes postiços.

Amelia

E' refinada tolice. E' um marido de mão cheia.

Macario

Um genro e tanto... dos taes que se casam com toda a familia.

Amelia

Quantos annos terá elle?

Macario

Deve orçar pelos sessenta.

Amelia

Será um pai.

Macario

Menos essa! um avô. Pai sou eu e tenho apenas quarenta e cinco rijos.

Amelia

Rijos, mas muito abalados na praça: deves os olhos da cara. Eu quizera-te com mais idade e menos dividas.

Macario

Ora, dividas! Isso que monta? Todos, mais ou menos, devem. A divida é uma necessidade social que, se não existisse, seria necessario inventar. E' a divida que estabelece a relação entre os homens e mantem o credito. Se não houvesse a divida não haveria o credito e se não houvesse o credito a sociedade estaria desmoralisada. Quando se diz: «Fulano tem credito» comprehende-se que esse Fulano está habilitado a fazer dividas em barda. As nações devem quantias fabulosas. Nós, por exemplo, que somos a primeira potencia da America do Sul, nós devemos a meio mundo.

Amelia

Pois sim, mas a divida nacional não nos importuna — o inglez entende-se com o governo e lá se avêm, os dois. Comnosco é, todas as manhans, aqui á porta, um congresso internacional. O Josino diz que a nossa casa lembra-lhe o Tribunal da Haya, não pelos intuitos, que são diametralmente oppostos, mas pelo cosmopolitismo. Eu tenho lucrado com isto porque sei pedir dinheiro em todas as linguas vivas, até na lingua morta do peixeiro, que é grego.

Macario

E a verdade, honra te seja, é que mantens o esplendor da casa. Tens fibra! A crise ha de passar. Com uma filha como a Dóra, a mais *smart* senhorita de Botafogo, na opinião do *Binoculo* e de outros orgãos conspicuos da elegancia indigena, e com a perspectiva de um genro como o Fortuna... mais devessemos! Só com a noticia do casamento, que eu lancei em circulação, o meu credito, que estava mais apertado do que o teu collette, abriu-se e está hoje mais franco do que a barra. O que é necessario é fazer a pequena chegar-se ao rego.

Dóra apparece ao fundo. Modificam-se as attitudes.

SCENA II

Os mesmos e DORA

Dóra entra, entrega a Macario varias cartas e senta-se á direita amuada.

Macario

A minha correspondencia... *(Guarda as cartas sem abril-as).*

Amelia

Contas...

Macario

O primeiro rosario.

Dóra

Não são minhas.

Macario

São da firma, filha.

Dóra

E o meu chapeu? Amanhan é quarta feira.

Macario

Filha, o teu chapeu não me sahe da cabeça... mas não vejo geito de lhe pôr as mãos.

Dóra

Se se tratasse de uma casaca para o senhor

ou de um vestido para mamãi os meios haviam de apparecer; trata-se, porém, da gata borralheira.

Amelia

Gata borralheira?

Macario

Porque queres. O principe está ahi.

Dóra

Que principe?

Macario

O principe Fortuna. *(Silencio).*

Dóra, *arrebatadamente:*

Decididamente é um bloqueio: Rende-te ou morres, não é? E' a transacção da infamia...

Amelia

Transacção...?

Dóra

Torpissima!

Macario

Onde a torpeza?

Dóra

Onde? não é difficil achal-a: está á flor. Que fazem os senhores? mettem-me á cara um velho

porque vale oitocentos contos e não sei quantos seringaes no Amazonas.

Macario

Tres.

Amelia

E achas que isto é uma transacção infame?

Dóra

Mamãi póde achal-a vantajosa, eu é que não me submetto. Oitocentos contos de reis e tres seringaes não pagam a minha mocidade, o meu gosto, a minha educação e dois primeiros premios de belleza.

Macario

E's careira...!

Amelia

Pois, minha filha, tenho-me tambem em conta de mulher de gosto e não se me dava...

Dóra

Pois sim, mas eu não nasci para caixão de defunto.

Macario

Que queres dizer com isso de caixão de defunto?

Dóra

O que é. Um velho...

Amelia

A velhice é uma illusão dos sentidos.

Macario

E a Sciencia ahi está, como Josué, para deter o sol da mocidade sobre os muros de Jerichó. A velhice é tudo. Olha para a cidade — quem a refez? os velhos. São elles os donos de tudo. Na Avenida, de ponta a ponta, não ha uma só propriedade de moço, tudo pertence a maiores de cincoenta annos; são elles os donos do dinheiro.

Dóra

E a mocidade?

Macario

E' o ladrão por onde extravasam os rendimentos da velhice. Pega em um desses elegantes, vira-o de pernas para o ar e has de ver que é tudo farofia, como no perú de forno. Não te illudas: o mundo é dos velhos.

Dóra

Um jagodes, um alambasado...

Amelia

Ora, filha... isso corrige-se.

Dóra

Corrige-se?!

Amelia

Corrige-se. Eu conheço os homens, tenho grande pratica. Amoldam-se á fôrma como se fossem de cêra. Não ha homens, minha filha, ha mulheres. Quanto ao exterior... não ha moços nem velhos, tudo a mesma massa. O que se deve procurar no homem é... a medulla, entendes? O marido é como o lar e tu casas para viver entre quatro paredes, ouvindo cantar o gallo no poleiro e ferver a panella ao fogo? não. O lar é indispensavel porque é o repouso; a gente precisa morar, ter nos cartões um endereço; mas quem casa o que quer é a grande vida, os encantos do mundo, o camarote no Lyrico, a victoria no *corso,* o automovel na Avenida, o baile, as recepções, Petropolis etc., etc.... e tudo isto, filha...

Dóra

Só o senhor Fortuna me poderá dar...?

Macario

A dinheiro... só.

Amelia

O senhor Fortuna ou outro seringueiro de iguaes posses.

Dóra

Estou vendo que, para os senhores, a riqueza é monopolio dos seringueiros.

Macario

Depois da baixa do café e do assucar...

Amelia

E da concurrencia indigna do chá...

Macario

E da beterraba... *(Outro tom):* Olha, se eu tivesse uma seringa, outro gallo nos cantaria. Aquillo é que é leite, filha! Aquillo é que é leite...

Amelia

A borracha anda hoje em tudo.

Dóra

Em tudo...

Macario

Nos instrumentos cirurgicos.

Amelia

Nos pneumaticos.

Dóra

Nos casamentos, aqui estou eu.

Macario

Em tudo! A borracha, hoje em dia, é pau para toda a obra. Ter a borracha na mão é como possuir um talisman. E tu, filha, não tens a borracha...

Dóra

Tenho uma borracheira.

Amelia

Tens seringaes...!

Dóra

Sem resistencia.

Macario

Como sem resistencia? estás enganada. E, sob o ponto de vista moral... um avô. O que não deves é espantar o passaro que está rondando a arapúca... *Avis rara,* filha... rarissima!

Amelia

Não te faltam pretendentes, bem sei; mas que valem elles? todos juntos, sommados, não dão cincoenta contos. Allegas que são moços e não te occorre á lembrança o sorteio militar? O marido moço é praça de *pret*. E o senhor Fortuna está fóra da lei, já não presta serviço...

Dóra

Isso sei eu!

Macario

Só montará guarda em casa, empunhando a arma do dever conjugal, sem risco de entrar em fogo, no caso de uma guerra.

Dóra

Mesmo na paz.

Macario

Desposando um moço andarás sempre a limpar-lhe a bayoneta, para que não faça má figura na fórma ao lado dos companheiros apresentando-se com a arma enferrujada.

Amelia

E, se fores ciumenta, terás de fazer vida de vivandeira, acompanhando-o em todas as marchas, como carneiro de batalhão. Isso é lá vida?

Dóra

Mas nunca entrou nos meus calculos casar com homem sorteavel. Escolherei um estrangeiro. Tenho varias propostas: um inglez com quem patinei; um americano que me segue no *corso;* o hespanhol do *Pavilhão Mourisco;* o austriaco de Petropolis, e outros. Todos estão isentos do serviço militar.

Macario

E o Fortuna tambem, com a vantagem de ser nacional: prata de casa...

Amelia

Ouro!

Dóra

Borracha.

Macario

Ouro é o que ouro vale.

Dóra

Lembro, porém, que o motivo que isenta o meu proposto noivo do sorteio tambem o incompatibilisa com o casamento...

Amelia

Qual é?

Dóra

Incapacidade para o serviço.

Amelia

Ora, filha... não pareces uma menina de senso pratico. Demais ninguem aqui faz apologia do homem. Todos nós sabemos que elle é uma espiga.

Dóra

Debulhada.

Macario

Isso é que não: espiga farta, gorda, amojada em ouro. O que nós queremos é garantir a tua felicidade.

Amelia

Os teus habitos de elegancia.

Macario

Porque — sejamos francos — se não deres a tua mão ao Fortuna terás amanhan de estendel-a á... á caridade publica.

Dóra

De sorte que, se esse homem não se lembrasse de sahir do sertão para distrahir-se no Rio, eu estaria amanhan em petição de miseria, esmolando o pão e o andrajo? Realmente... a minha estrella guiou-o a tempo. *(Silencio)* Mas admittindo que eu me resigne ao sacrificio: como me arrastarei até ao altar d'esse bezerro de ouro?

Macario

O bezerro de ouro muge por ti, minha filha; muge de fazer pena. De rasto anda elle.

Dóra

Em que se baseia papai para affirmar...?

Macario

Em que me baseio?

Amelia

O'! filha, salta aos olhos.

Macario

Baseio-me nas suas proprias palavras.

Dóra, *interessada:*

Ah! elle falou?

Macario

Se falou...! Quando eu digo... *(Outro tom):* Hontem, como sabes — hontem não, ante-hontem — jantamos juntos, os dois apenas, a pretexto de recordar o passado. Escusado é dizer que não se falou senão do presente. Logo á manteiga fresca vieram os teus olhos á discussão e, quando estourou o champagne, o homem tinha descripto todo o teu corpo, dos pés á cabeça...

Amelia

Por intuição, já se vê.

Macario

E ao cognac, chorando rios, atirou-se-me aos braços mugindo — que seria o mais venturoso dos mortaes se tu...

SCENA III

Os mesmos e BASILIA

Basilia, *ao fundo:*

Patrôa...

Amelia

Que é?

Basilia

Um moço veiu trazer este embrulho e está esperando a resposta.

Amelia, *examinando o embrulho, a Dóra:*

E' para ti. *(Baixo a Macario):* Deve ser d'elle. *(Campainha á esquerda. Basilia desapparece).*

Dóra, *desfaz o embrulho e extasia-se:*

Que lindo!

Macario

Vês?

Amelia

E' de muito gosto.

Dóra

Realmente!

Macario

Que idade tem este adereço? anda lá, dize...

Dóra

E que trabalho...!

Macario

Ahi tens: borracha, seringa...

Dóra

E' pena que não sirva para o *corso*...

Macario

Que não sirva para o *corso*... porque?

Dóra

Não é distincto, papai. Hei de levar um adereço de brilhantes em toilette de passeio...? não.

Macario

Pois eu... afinfava-o... só para ralar certa gente. E tu?

Amelia

Não, ella tem razão. Para o *corso* não serve.

Dóra

Para o *corso*... o meu chapeu... *(Com paixão):* O meu chapeu!

Basilia, *reapparecendo, ao fundo, com uma caixa de chapeu:*

Patrôa, vieram trazer esta caixa.

Dóra

Querem ver que é o chapeu!

Precipita-se, toma a caixa, desata os nastros nervosamente, emquanto Macario assigna os recibos e entrega-os á Basilia, que se retira. Com um grito, tirando o chapeu da caixa:

Mamãi!

Macario, *solemne:*

Ecco il problema!

Dóra

O meu sonho! *(Colloca o chapeu á cabeça).*

Macario

Borracha. E' borracha que farte!

Amelia

Soberbo!

Dóra

Que successo amanhan...!

Basilia, *reapparecendo, mysteriosa:*

Patrôa...

Amelia

Ainda mais!

Basilia

Está ahi aquelle homem que a senhora sabe.

Amelia

Que homem?

Basilia

Aquelle...

Amelia

Aquelle... qual?

Basilia faz o gesto de quem comprime uma seringa. Pasmo de todos.

Macario

Fala, rapariga.

Basilia, *baixando os olhos:*

O da seringa...

Amelia, *alvoroçada:*

Ah! *(A Dóra)* Elle!

Macario

Manda entrar.

Amelia

Recebe-o tu.

Macario, *atarantado:*

Sim... sim... *(A Dóra):* Então? decide-te. Naturalmente elle vem saber a tua resposta. Que lhe hei de dizer: sim ou não?

Dóra, *d'olhos baixos, contemplando o chapeu:*

Sim...

Macario, *exultante:*

Louvado seja o Senhor! Dá cá um abraço, minha filha. Isto é que é falar.

Dóra, *suspirosa:*

Seja tudo pelo amor de Deus!

Amelia

E do mundo, minha filha. *(Entram á esquerda).*

Macario

Principalmente do mundo, que é o diabo. *(Indo ao fundo:)* Entra, Fortuna.

SCENA IV

MACARIO e JOSINO

Josino, *entrando:*

Não é Fortuna, meu tio. O Fortuna, ou a Fortuna — elle está bem nos dois sexos, acho até que está melhor no feminino...

Macario

Mas Basilia...

Josino

Annunciou o Fortuna como os pequenos apregôam a sorte grande. Mas, desta vez, o bilhete não sahe branco, descance. O premio veiu commigo, está lá fóra. Como comprou botinas um pouco justas deixou-se ficar um momento no jardim arejando os pés. Excellente sujeito e bem se vê que lida com borracha porque estica que é um gosto. E por cá? todos bons? Vão ao *corso* amanhan? Promette...

Macario

Naturalmente... *(Vai ao fundo impaciente.)*

Josino

Não se preoccupe com o homem, deixe-o á vontade... *(Outro tom:)* A carro?

Macario

Ainda não está resolvido. Dóra falou em automovel; mas eu acho o automovel...

Josino

Schoking! Para o *corso* é schoking. Eu pretendo ir num *panier* tirado por ponneys, com o meu homem.

Macario

Panier?

Josino

Sim, senhor. *C'est le dernier cri.* O meu, amanhan, com o tal typo, será *un panier á salade,* mas dará a nota. Que tal este panamá? Authentico, deu-m'o elle. Vale oitocentos mil reis. E' muito dinheiro na cabeça, não acha? A metade no bolso far-me-ia melhor arranjo. Quer meu tio...?

Macario

Não. De chapeus estou inteirado. *(Outro tom:)* E tens acompanhado o homem? tens-lhe mostrado...?

Josino

Tudo — desde as obras do porto até ao Jardim Zoologico, com escalas por todos os cinematographos, chopps, etc., etc.

Macario

Cuidado com esses etc., etc....

Josino

Porque? Um homem lançado por mim não se limita a fazer a avenida, a cervejar na ter-

rasse... vai a tudo! Hontem á noite fomos aos *Marialvas*...

Macario

Que é isso?

Josino

Um novo club *tout á fai't... v'lan!*

Macario

Ah!

Josino

Portou-se como um fidalgo. Perdeu com a fleugma de um yankee, embriagou-se correctissimamente, como um lord; gastou á tripa forra...

Macario

E tu... Toma cuidado, isso agora é considerado crime.

Josino

Não em grosso. O furto de um queijo ha de sempre levar á cadeia, um golpe de mestre prestigia e ennobrece. Eu não furto queijos, meu tio. *(Batendo as palavras.)* Nós não furtamos queijos...

Macario

Nós...!? Alto lá com o pronome. Mas... E quanto perdeu elle, mais ou menos?

Josino

Pouco: obra de uns oito contos.

Macario, *alarmado:*

Hein!?

Josino

Mas que *aplomb!* E que notas, meu tio! Vi as de conto. Que seducção!

Macario

Pois, meu amigo, d'ora avante fica o senhor prohibido de o levar aos taes etc., etc....

Josino

E porque?

Macario

Porque? porque o Fortuna é um homem serio e... vai ser meu genro.

Josino

Seu...!?

Macario

Genro.

Josino

Historia...

Macario

De que te espantas?

Josino

Eu? E Dóra?

Macario

Ama-o.

Josino

Não, meu tio, isso é demais. Que se case, vá, concedo; mas que o ame... nunca! O coração de minha prima...

Macario

Qual coração! Ama-o com a cabeça, que é o coração das mulheres de juiso.

Fortuna apparece ao fundo manquejando em passos doridos.

Oh! ia em tua procura...

SCENA V

Os mesmos e FORTUNA

Fortuna

Uf! meu amigo...

Macario

Quente, hein?

Fortuna

Não, não é calor: são os callos. Isto não é calor para mim. Você comprehende, para quem vem do Amazonas o Rio de Janeiro...

Josino

E' uma geleira.

Fortuna

Geleira, não digo, mas fresco, isso é...

Macario

Ah! fresco, é muito; principalmente depois das avenidas.

Fortuna

Como vão as senhoras?

Macario

Bem; preoccupadas comtigo. Desappareceste...

Fortuna

Ah! com este moço, que tem sido muito delicado commigo, não tenho tempo para me coçar.

Josino

Nem tanto, senhor Fortuna.

Macario

Eu imagino! Josino é um carióca da gemma.

Josino

Tambem um pouco da clara, meu tio, porque agora, de vez em quando, faço um passeio aos suburbios onde começa a ser cultivada a fina flor da elegancia...

Macario

Então hontem... nos *Marialvas,* hein? oito contécos e pico...

Fortuna

E' exacto. E, para dizer a verdade, não sei como foi. O meu dinheiro parecia lixo: era ponto eu fazer a parada, zaz! um homemsinho raspava-o. O peior foi uma madama, madama mesmo direita. Mulher da gente ficar assim! O diabo da creatura parecia um azougue: jogava, bebia, dançava toda empinada p'ra traz como esses cachorrinhos dos palhaços, nos cavallinhos. Um pagóde! Lá p'ras tantas deu p'ra mexer commigo por baixo da mesa e atravincou o tacão das botinas nos meus callos que eu não sei como não peguei fogo. Vi estrellas! Mulhersinha da pá virada. E com as pernas de fóra, fumando... Nunca vi!

Macario

São terriveis!

Fortuna

Seu Josino conhece essa gente toda como eu conheço a minha cearensada. E' pelo nome (cada nome!) é beliscão, é palmada... Cidadão quéra!

Macario

Sim, mas não te mettas muito com essa sucia.

Fortuna

Nem eu posso: dou logo parte de fraco.

Josino

Mas o senhor vai jantar com a Jeanne...?

Fortuna

Que Jeanne?

Josino

Aquella loura...

Fortuna

Homem, louras eram todas ellas, menos a mutinha.

Josino

Uma que esteve ao seu collo.

Fortuna

Ah! a dos cabellos de fogo?

Macario

Ao collo...? Tiveste-a ao collo?

Fortuna

E' verdade... uma sapéca! O diabinho veiu correndo, atirou-se em cima de mim, agarrou-me pelo pescoço e começou a falar francez na minha cara. Mas então eu tenho de jantar com ella?

Josino

Compremetteu-se.

Fortuna

E a lingua?

Josino

Não se incommode, fica por minha conta. Eu falo pelo senhor.

Fortuna

Só assim, porque eu, de francez, só entendo *uí, musiú* e *madama*... ah! e *arjan,* porque ouço sempre. E' dinheiro, não é? no mais sou grego. Pois está dito. *(A Macario:)* E você porque não vem?

Macario

Eu?! estás doido! Jantar no *demi-monde*...

Josino

Meu tio só janta em casa. As comidas muito temperadas fazem-lhe mal e o apetite já não é... para banquete. E' o *pôt au feu*, hein, tio? Bem, com licença. Vou ver titia e a prima. Com licença. *(Entra á esquerda)*.

SCENA VI

MACARIO e FORTUNA

Fortuna

Homem, eu não faço ceremonia comtigo. O diabo da madama poz-me os callos em pandarécos.

Macario

A' vontade! Estás em tua casa. *(Fortuna descalça-se)* A proposito: porque não deixas o hotel? Aquillo não te convem. Tens aqui excellentes commodos, independentes, onde ficas á vontade e com o conforto que lá não achas. Sempre é uma casa de familia.

Fortuna

Eu te digo... tenho vergonha. Quem me quizer tirar o geito ponha-me junto de moça e aqui é um entrar e sahir de moças que a gente nem sabe para que lado se ha de virar.

Macario

Mas tu precisas entrar no mundo, Fortuna.

Fortuna

Que mundo?

Macario

O teu mundo, homem.

Fortuna

Pois o meu mundo não é este?

Macario

Sim, este — o mundo elegante, a sociedade *smart,* a roda *chic,* a *élite*...

Fortuna

Uhm...! isso de rodas... nem a da loteria. *(Pausa:)* O que eu queria já te disse, abri-me comtigo, falei-te com o coração na mão... e...

Macario

Continúa, continúa...

Fortuna

Estás rindo, hein? Homem, deixa lá... bem pensado o caso é mesmo para rir. Na minha idade...! Que queres? a minha caduquice podia ser peior.

Macario

Caduquice...! Não te queiras fazer velho, homem de Deus. Deixa-te d'isso.

Fortuna

Se fosse naquelle tempo, quando nos conhecemos em Obidos, hein? Mas é sempre assim: quando ha mocidade, não ha dinheiro; quando o dinheiro chega, já não encontra a mocidade.

Macario

Isso é verdade.

Fortuna

Tu fizeste bem: mandaste o cacau á fava e viéste para o Rio, gozar a vida. Eu afundei no matto e, com a graça de Deus...

Macario

Estás rico.

Fortuna

Não tanto como os americanos, mas sempre tenho o bastante para esperar a morte no meu socego. Ora, o que eu queria era ter um cantinho onde cochilasse quieto, sentindo uma pessoa amiga em volta de mim... uma pessoa que fôsse minha e dona de mim, bôa, bonita porque a gente, de tarde, gosta de olhar as estrellas que apontam no ceu. Isso...

Macario

Vamos adiante.

Fortuna

E' um sonho.

Macario

Qual sonho! E' a realidade. Abraça-me, homem, que abraças teu sogro, teu futuro sogro. Tu não conheces minha filha. E' uma menina sensata como Minerva. Ella quer.

Fortuna

Quer?

Macario

Expuz-lhe a nossa conversa, disse-lhe as tuas intenções...

Fortuna

E ella?

Macario

Respondeu com estas palavras de ouro: «Meu pai, o senhor Fortuna é o marido que me convem. Os moços chegam impetuosamente numa rajada de desejo, mas depressa enfastiam-se. Elle não, caminha docemente para o meu coração como quem se recolhe a um lar para nelle viver.»

Fortuna, *commovido:*

Até a morte. Ella falou assim?

Macario

Textualmente. E vais ouvil-a. *(A' esquerda, chamando:)* Dóra!

Fortuna

Espéra, homem. *(Procura atarantadamente calçar as botinas.)*

Macario

Dóra!

SCENA VII

Os mesmos e DORA

Dóra, *apparecendo á esquerda:*

Papai!

Fortuna, *atrapalhado:*

Ora esta! A moça ahi e eu com o pé na mão. Diabo da madama!...

Macario

O meu amigo Fortuna deseja conversar comtigo. *(Baixo:)* Vê lá! *(Alto:)* Deixo-vos sós. *(Solemne:)* E que Deus vos abençôe, meus filhos!

Entra á esquerda. Dóra disfarça para não vexar Fortuna que lucta com as botinas justas.

SCENA VIII

FORTUNA e DORA

Dóra, *adiantando-se:*

Então o senhor...

Fortuna, *conseguindo calçar-se:*

Ah! minha senhora, uma mada... *(corrigindo-se)* uma topada. A gente, nesta cidade, anda

ás topadas por toda a parte como lá no sertão depois das queimadas.

Dóra

Está tudo revolvido.

Fortuna

Tudo!

Dóra

Mas bello, ha de convir. E' uma formosa cidade, sem rival na America, talvez no mundo. Panorama admiravel! A nossa Avenida á beira mar deixa a perder de vista a *Promenade des anglais,* em Nice.

Fortuna

E' mesmo...

Dóra

Conhece?

Fortuna

Não, senhora. *(Pausa.)*

Dóra

E' verdade, ainda não agradeci a sua gentileza de hoje. O senhor captiva-me...

Fortuna

Ora, minha senhora... que vale aquillo?

Dóra

Lindissimo o adereço. Quanto ao chapeu...

Fortuna

E' o que a senhora viu na loja.

Dóra

Sim, é.

Fortuna

Pois é assim...

Dóra

Tem muito gosto...

Fortuna

Quem?

Dóra

O senhor... *(Pausa. Outro tom.)* Então quer falar-me?

Fortuna

E'... eu... Seu pai não lhe disse? Eu... eu não sei começar estas coisas, é a primeira vez. *(Com*

um sorriso amarello:) A senhora, que é moça da cidade, é que me podia tirar deste embaraço. Lá no meio da minha gente isso não custa. A moça móra num barracão á beira d'agua ou numa palhoça no meio do matto. A gente sobe o rio na montaria remando frouxo ou esbarra o cavallo no terreiro, dá o seu recado de longe com um signal, atira uma flor, manda um presente pelo curumin e está entendido. Se é gente conhecida então é um instante — uma visita, tres palavras e, d'ali por dias, estão as roqueiras e os rifles estrondando e lá vai a festança a caminho da igreja, se ha; senão espera-se o padre, e está prompto. E' assim. Mas aqui! Nossa Senhora! é um rôr de ceremonias... Primeiro aquillo que a senhora disse lá na casa do chá.

Dóra

Aquillo, quê?

Fortuna

Aquillo inglez, de namorar.

Dóra

Ah! *fliri.*

Fortuna

Que é isso?

Dóra

Flirt? é assim uma tróca de beijos com os olhos.

Fortuna

Vôte! Um coitado como eu póde lá com isso! Tomara a gente saber beijar com a boca, que muitos nem isso sabem, quanto mais com os olhos. Só mesmo de inglez.

Dóra

Mas fale, seja sincero. A sinceridade ainda é a expressão mais bella do sentimento.

Fortuna

Isso é que é, minha senhora. Nessa linguagem não tenho medo de ninguem. Então dá licença que eu me expresse...?

Dóra

Toda.

Fortuna

Pois lá vai. A senhora sabe que eu sou um pobre homem do matto, sem instrucção nenhuma, assignando o nome por muito favor. Não conheci pai nem mãi. Muito menino, arrojei-me a ganhar a vida no Amazonas, onde me dei com seu pai, que

começou medindo terras alheias e acabou comprando um cacoal, que foi a sua desgraça... ou a sua felicidade... e a minha. Se elle tivesse ficado por lá, a senhora, quem sabe? não teria nascido. Elle perdeu tudo, eu metti-me no ôco do mundo e, teimando que nem cupim, porfiando, cai aqui, levanta acolá, consegui uma fortuna que não me vexa nem me traz remorsos. Sou rico — louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! — estou velho, queimado do sol e com as mãos grossas que nem tronco d'arvore, mas o coração é puro e a alma póde apparecer na presença de Deus sem confissão porque não tem peccado de maior. Não tenho parentes nem adherentes e quero, no fim da vida, ter uma alegria grande, assim como uma tarde clara e cheirosa, cheia de cigarras e de passarinhos, depois de um dia de trabalho duro. Quero olhar uma estrella na minha noite, que vem vindo triste.

Dóra

O senhor é poeta...?

Fortuna

A gente quando deixa o coração falar elle vai dizendo as coisas no seu tom e é assim. Mas agora já passou o perigo, as cachoeiras ficaram atraz,

vamos pelo rio manso. Estou desaffrontado. A senhora é uma menina, podia ser minha filha, minha neta até, mas... não sei se terá coragem de apparecer commigo, pelo meu braço, se terá paciencia para aturar as minhas rabugices. Eu não sei dizer essa palavra das poesias...

Dóra

Amor?

Fortuna

Sim, senhora. A gente, lá nas minhas bandas, diz de outro módo, mais bonito para mim: «Querer bem.» O «Querer bem» não tem fim, é como o ceu. Amor é de fidalgo, é de gente apurada; o «Querer bem» é dos pobresinhos, dos simplorios como eu. E eu... quero bem á senhora. Dá licença?

Dóra, *sorrindo:*

Pois não.

Fortuna

E se não fosse atrevimento da minha parte eu pedia a sua mão...

Dóra

Aqui a tem.

Fortuna, *muito commovido:*

Minha senhora... *(Ajoelha-se e beija-lhe a mão.)* Sou seu escravo... *(Lacrimoso:)* Muito... muito obrigado! Faça de mim o que quizer.

Dora

Farei o que me ordena o coração — um marido feliz.

SCENA IX

Os mesmos, JOSINO e CLARA

Clara apparece á direita com uma costura na mão; Josino aponta á esquerda. Estacam pasmados. As exclamações dos quatro rompem simultaneas.

Clara

Ora valha-me Deus! *(Recúa escandalisada.)*

Dóra

Vóvó!

Josino

Petrolette! *(Gyra nos calcanhares e some-se.)*

Fortuna

Seu Josino! *(Levanta-se. Em tom mysterioso:)* Seu Josino...!

SCENA X

FORTUNA e DORA

Dóra

Não faz mal.

Fortuna, *preoccupado:*

Seu Josino é capaz de ir contar lá dentro que me viu aqui de joelhos aos pés da senhora.

Dóra

E que tem isso? Não somos noivos? Vovô tambem viu e eu...

Fortuna

Nestas coisas de familia sou muito rigoroso. Não quero que digam que estou abusando.

Dóra

Ora! *(Outro tom:)* Dê-me o seu braço. Devem estar á nossa espera para o *lunch*. Vamos aqui pelo jardim.

Fortuna

Como quizer.

Dóra

Não imagina a vontade que eu tenho de ver o Amazonas...!

Fortuna

E' bonito. O lugar onde eu móro então... é um paraiso!

Dóra

Sem serpente?

Fortuna

Serpente? cóbra? Quem disse? Nesse particular, minha senhora, é uma immundicie que nem lhe conto. E cada bicha!... *(Vão direitos ao fundo:)* Só a sucury vale por todas. Engole um boi, imagine a senhora, só ficam os chifres de fóra. Eu, d'uma feita... *(Desapparecem.)*

SCENA XI

JOSINO e CLARA

Josino apparece á esquerda, rindo; Clara apparece á direita indignada. Acenam-se de cabeça interrogativamente.

Clara

Você viu? E' bico ou cabeça?

Josino

E' cabeça... *(Entram e aproximam-se:)* Pois não sabe? Estão noivos.

Clara

Quem?

Josino

Elles.

Clara

Que é que você está me dizendo!?

Josino

A verdade.

Clara

Pois aquelle homem, com tanto cabello branco, não tem juizo na cabeça?

Josino

O amor, vovó! L'amour, seigneur du monde!...

Clara

Que amor! que nada...! Semvergonhismo é que é. Agora o que me admira é os pais consentirem nisso, só por ganancia de dinheiro. Era melhor que annunciassem a filha.

Josino

Sim, com o retrato, todos os premios de belleza, attestados de *smartismo,* um bom reclamo, emfim. Talvez fizessem melhor negocio. Podia apparecer Mathusalem com mais seringaes. A maxima é verdadeira, vovó: Tempo é dinheiro. Aqui tem a senhora os mais floridos vinte e quatro annos competindo, em miseria, com o patriarcha de Hus... e um velho apojado de notas de conto de reis, como um banco. Quer um conselho de homem experiente? não se metta nisso: deixe andar o barco.

Clara

Eu!? Eu, se tivesse a minha vista, não ficava nem mais um dia nesta casa: pegava no que é meu, mettia-me num canto e o mundo que rolasse.

Josino

Nada de imprudencias! Deixe-se estar onde está que nada lhe falta. A vida, lá fóra, está cada vez mais crespa. Eu que o diga...!

Clara

Mas casar com um corumba d'aquelles uma menina que, ainda no anno passado, andava de vestido curto, é uma coisa que brada aos ceus!

Por estas e outras é que ha por ahi tanta desgraça. O Rio não era assim, não era...

Josino

De accordo, vovó. O Rio era uma triste aldeia que tresandava a arruda e a defumações. As cidades são como os homens, ou melhor: como as mulheres. O Rio do seu tempo era como uma menina abandonada que lavava o rosto nas fontes, andava descalça, com uma sainha de chita remendada, o dedo sempre mettido no nariz. O Progresso encontrou-a adormecida no esterquilinio, ao sol. Despertou-a e, deslumbrado com a sua belleza, logo pensou em desposal-a. Mas o Progresso é cavalheiro fino e não lhe ficava bem apresentar-se com uma rapariguita rustica, deploravelmente simples. Que fez? metteu-a num banho de civilisação, deu-lhe professoras, vestiu-a pelos ultimos figurinos, fez chegar um *huit ressorts* atrellado a Daumont e, fazendo-a subir, atravessou com ella a avenida do seculo, dizendo ufano ao velho mundo maravilhado: *La mia sposa sará la mia bandiera!* e... tarata chin, tarata chin, tarata chin! Bum!...

Clara

Pois sim!

Josino

No seu tempo o carro de bois era o vehiculo por excellencia, ia-se ao theatro precedido por um escravo que levava a lanterna e seguido de outro que carregava a cadeira; ceiava-se peixe frito á porta da rua; havia romarias e arraiaes; o fogo de artificio era a nota do supremo gosto e uma caleche rodando dava assumpto ao soalheiro, durante um mez. As serenatas eram as reuniões d'arte, a fallencia de um banco abalava o imperio. Fala-se, ainda hoje, na quebra do Souto. E agora?

Clara

Agora é uma pouca vergonha...

Josino

Deixe-se disso, vovó; agora é a vida requintada: são os electricos, são os automoveis, os motocyclos, dez, vinte fallencias de bancos por dia, duzentos suicidios, quatrocentos raptos, mil e seiscentos divorcios, a vida intensa, vovó, a vida intensa...

Clara

Sim... casamentos como nas quadrilhas...

Josino

Como nas quadrilhas?!

Clara

Pois então? é um *changez!* que até faz nojo. Um homem tira um par da casa de seus pais, dá uma volta com a pobre moça e, d'ahi a pouco... está dançando com outra. Isso é serio?

Josino

E' o Progresso, vovó. O casamento é uma... toilette social e um homem ha de viver eternamente com o mesmo terno?

Clara

E a religião?

Josino

A religião era a móda no seu tempo.

Clara

E hoje?

Josino

Hoje a móda é... a religião.

Clara

Pois havemos de ver o fim de tudo isso. Deus não dórme! O que eu te digo é que, no meu tempo, uma menina de vestido curto...

Josino

Casava com um velho de jaqueta, porque o papai mandava. Quando a senhora casou por onde lhe batia o vestido?

Clara

O meu vestido...? Não é da sua conta. *(Escamada:)* Eu não gosto de pagodes commigo, está ouvindo? Mais amores e menos confiança.

Josino

Não se zangue, vovó. Le monde marche! C'est la vie... the struggle for life.

Clara

E' isso, até a lingua. Já a gente não sabe que lingua fala, é uma misturada que ninguem entende.

Josino

E' o cosmopolitismo. Mas o esperanto não tarda para realisar o sonho dos universalistas, dando ao mundo uma só expressão. E vovó entenderá o chim e o patagão, o homem do Caucaso e o negro da Senegambia e conversará com o cingalez ou com o hungaro como conversa commigo e com os seus botões. A lingua será uma só,

como a luz. Ah! vovó, se chegarmos a ver a aurora desse dia... quem sabe?! já, então, ha de ter nascido o Messias das gentes, aquelle que deve trazer o elixir da mocidade e a pedra philosophal. Ricos então, bebendo uma gotta do philtro de Juventa, vovó ficará formosa como a fada Morgana de que falam as tradições de Parthénope e eu, lindo como o principe Jasmin, enamorado da sua graça, dir-lhe-ei de joelhos: *(Ajoelha-se. Fortuna apparece á esquerda e ouve, pasmado, as palavras de Josino.)* Clara, minha vida, amo-te! Sê minha!

Clara

Ora, vai-te embora, malúco! *(Entra á direita amuada.)*

SCENA XII

JOSINO e FORTUNA

Fortuna, *adianta-se pé, ante pé, claudicando. Baixo e com intenção a Josino:*

Estamos quites!

Josino, *voltando-se:*

O senhor!

Fortuna

Eu mesmo. *(Maliciosamente:)* Vi tudo!

Josino

Tudo!?

Fortuna

Que diabo! Eu não sou um velho e não vou casar com uma menina que podia ser minha neta?

Josino, *comprehendendo:*

Hein? Perdão! O senhor julga-me capaz de um incesto?

Fortuna

Incesto...?!

Josino

Sim: de casar com uma parenta?

Fortuna

Com licença do bispo...

Josino

Qual bispo! Aquella senhora é minha avó em terceiro grau.

Fortuna

Mas o senhor...

Josino

Brincava. Um neto póde brincar com sua avó.

Fortuna

Isso póde. Pois eu ia jurar...

Josino

Não, meu amigo, eu respeito a velhice, ainda que não tenha com ella parentesco.

Fortuna

Bem, bem. Já não está aqui quem falou. *(Senta-se e arranca as botinas: com desafogo:)* Uf! Aquella madama, seu Josino... Estou zonzo! Onde ponho os pés ponho a alma. *(Pausa.)* Seu Josino, onde foi que o senhor leu aquella historia do velho de setenta e oito annos que casou com uma mocinha de dezoito...?

Josino

O caso de dynamogenese? Foi publicado por um jornal de Stockolmo. Eu li a traducção. Um assombro!

Fortuna

Quantos filhos mesmo em tres annos?

Josino

Dois e meio. *(Ouve-se a bosina de um automovel.)*

Fortuna

Só com o regimen...?

Josino

Sim... mas que regimen! Duchas, extensor, sandow, equitação, maçagem, esgrima, electricidade, natação, elixir de cedro e de feto macho, cyclismo.

Fortuna

O senhor ha de me dar isso por escripto.

Josino

Pois não.

Fortuna

E' para um compadre meu.

Josino

Quando quizer.

Fortuna

Setenta e oito annos...! Quinze annos mais velho do que eu.

Basilia atravessa a scena ao fundo, da direita para a esquerda. Risos á direita.

SCENA XIII

Os mesmos. D. FRANCISCA, QUITA, ZUZA, PRAXEDES e VICTOR

Entram espalhafatosamente pelo fundo. Quita traz um king's Charles ao collo; Zuza muito empertigada, apruma-se affectadamente; grandes chapeus, veus soltos. D. Francisca, atarracada no collete que a comprime, abana-se desesperadamente. Victor, com o monóculo entalado na orbita, muito gamenho e zeloso das roupas, sacode-se espernegando. Um repolhudo ramo enflora-lhe a lapella do veston. Luvas castanhas. Praxedes, costume de flanella branca. Fortuna lucta com as botinas.

Josino

Oh!

Quita

Viva o chauffeur!

Victor

Le brave chauffeur!

Francisca e Zuza

Parabens!

Josino

Obrigado!

Praxedes

Quando a estréa?

Josino

Amanhan.

Zuza e Quita

Já!

Francisca

Foi bom saber.

Josino

Para não sahir á rua...?

Praxedes

Vai ser... uma epidemia.

Josino

Oh! garanto que não matarei uma formiga.

Victor

La ville tremblerá en voyant l'hippogriffe...

Quita

Que marca?

Josino

Não sei ainda.

SCENA XIV

Os mesmos, MACARIO, DORA, AMELIA

Entram pela esquerda.

Dóra

Que surpresa! *(Beijos.)*

Macario

De fon-fon... Isto é novidade. *(Apertos de mão.)*

Amelia

E o pic-nic?

Quita

E' o que aqui nos traz.

Dóra

Está marcado?

Praxedes

Para domingo.

Amelia

Onde?

Zuza

Adivinhe.

Amelia

Na Tijuca.

Quita

Na Ilha d'agua.

Victor

Idéa minha. A Tijuca está ficando vulgar.

Praxedes e Josino

Sim, muito.

Amelia segreda alguma coisa a Macario.

Macario, *de repente:*

E' verdade... *(Fazendo adiantar-se Fortuna que se tem conservado a um canto, muito timido, ora sobre um pé, ora sobre outro:)* O meu amigo coronel Castrioto Fortuna, proprietario no Amazonas...

Amelia

Noivo de Dóra.

Movimento de grande surpreza. Troca de olhares.

Quita, *com o riso a rebentar-lhe da boca, disfarçando com o cãosinho:*

Está quieto, Zephyr!

Macario, *apresentando:*

Meu amigo Amaro Praxedes, capitalista.

Praxedes, *gravidade forçada:*

Tenho grande prazer em conhecer V. Ex.ª e acredite que é com verdadeiro... verdadeiro desvanecimento que o vejo entrar nesta familia, a mais querida das minhas relações. *(Dá-lhe um cartão.)*

Fortuna

Eu digo outro tanto. *(Risinhos)* Tem um criado ás ordens no Juruá.

Macario, *continuando as apresentações:*

Madame Amaro Praxedes. Victor Hugo Praxedes, poeta.

Victor

Charmé...!

Macario

Senhoritas Quita e Zuza, dois enlevos...

Quita e Zuza

Enlevos...!? *(Riem.)*

Zuza

Muitos parabens.

Fortuna, muito canhestro, estende a mão ás pessôas á medida que lhes ouve os nomes. O riso espirra aqui, ali. Victor disfarça limpando o monóculo. D. Francisca tosse. As meninas saracoteam.

Praxedes

Ha de dar-nos o prazer de ser dos nossos no domingo...

Fortuna

Sim, senhor.

Riso das meninas. D. Francisca encara-as com severidade. Troca de olhares entre Amelia e Dora.

Quita, *quasi a estourar:*

Que calor, hein?

Amelia

E' verdade.

Pausa oppressiva. Josino, comprehendendo a situação, vai recuando e, propositadamente, tropeça em uma cadeira e estende-se no chão. A gargalhada explode escancelladamente.

Macario, *baixo a Josino, levantando-o:*

Que é isto? Estás doido?!

Josino, *baixo:*

Doido!? Isto é o que se chama um lance de genio, meu tio. Expuz-me ao ridiculo para salvar a situação e... seu genro. A gargalhada era para elle.

A gargalhada recresce. As meninas rebolcam-se nas cadeiras. Os mais riem á socapa. Fortuna tambem ri, mas accusando, em caramunhas, o soffrimento dos pés.

Dóra, *por entre dentes:*

Schocking!

Panno

SEGUNDO ACTO

Saleta muito elegante. Mobilia de laca branca. Plantas. Larga porta ao fundo abrindo para luxuoso salão. Portas lateraes.

SCENA PRIMEIRA

JOSINO e DORA

A toilette de Dóra é de musselina de seda branca, aberta em rendas verdadeiras. Josino, terno de paletó. Dóra sentada, ar de tedio. Josino debruçado ao respaldar de uma cadeira.

Josino

Exploração é um euphemismo. Dize francamente: roubo.

Dóra

Seja como quizeres.

Josino

Roubo é o termo que calha. *(Adiantando-se:)* Agora vejamos a perigosa quadrilha da qual é

chefe o galfarro senhor meu tio. *(Dóra encara-o severamente a fito.)* Nada de zangas. Estamos pondo os pontos nos i i. Ouve lá. A quadrilha compõe-se das seguintes figuras, todas muito consideradas no rol dos gargantões: eu, titia, tu...

Dóra, *arrebatadamente:*

Eu?

Josino

Sim, minha formosa prima. Vestes com o apuro de uma Wenderbilt, almóças no *Madrid,* vais ás conferencias, merendas na Cavé, ceias no Mourisco, apostas no Derby e recebes com a elegancia requintada que aqui se vê, em *toilette* fascinadora *(á meia voz, apaixonadamente:)* e estás linda! *(Emphatico:)* Em verdade o Amazonas é o primeiro rio do mundo! *(Outro tom:)* E quem *marcha* em tudo isto? o homem, cujo dinheiro tomaste sob a tua guarda avara, graciosa sentinella do thesouro dos seringaes.

Dóra

E' meu noivo.

Josino

Noiva é uma promessa, Dóra. Eu já fui noivo seis vezes e continúo celibatario como um frade de pedra. Noivo é um ovo no ninho: póde gorar.

Dóra

Conforme.

Josino

A gallinha, queres dizer?

Dóra

Quem falou em gallinha?

Josino

Ninguem, mas o ovo lembra a gallinha. Não ha ovo sem gallinha... ou pata. Ora, não sendo eu nenhuma de taes aves, sou a frigideira onde rechina, em muita manteiga, a omellette do esbanjamento. A gallinha que se eriça e cacareja defendendo o ovo... és tu.

Dóra

Deixemo-nos de espirito.

Josino

Ovo será tudo, prima, menos espirito. Mas continuemos. Achas que desfalco a tua fortuna futura ou o teu futuro Fortuna... e as minhas dividas ahi estão berrando. O meu relogio é o sol, que o outro está á sombra; visto como um homem vulgar. E teu pai? fala grosso, tem horas certas

no bolso do collete, fuma charutos caros e, com a nostalgia dos credores, faz pequeninas contas para distrahir-se ou para não perder o habito. Tua mãi é um *habeas-corpus* ou melhor: a amnistia das joias exiladas. Casa reformada de *fond en comble*, carro á porta, criados de casaca, serviço de fornecedores de nome. Quem paga? a Divina Providencia!

Dóra

E que tens tu com isso?

Josino

O homem póde gastar a mãos rotas com os teus, póde dissipar comtigo porque é teu noivo e eu tenho para mim que tambem faço jús a algum porque... não sou noivo, nem nada e supporto-o. Ando ajoujado a esse jagódes fazendo a mais rata das figuras nas rodas elegantes da *urbs*. E' um penedo que desbasto no qual, por amor de certa creaturinha loura, hei de lapidar um petimetre *dernier bateau*. Sou eu quem lhe escolhe as roupas, o chapeu, o calçado, as luvas, as flores; quem lhe dá diariamente as lições...

Dóra

Que lições?

Josino

Que lições? de *high-lifismo*. Nos hoteis nem sabia servir-se do talher: era á unha, a gadanho e misturava espargos com feijão branco, *mayonnaise* com costelletas de porco. Em certa occasião, diante d'uma estupenda perdiz *faisandée*, fez tal escandalo a fungar, a apertar o nariz, a repellir o prato com asco que a cara me cahiu aos pés. E hoje? é capaz de comer um urubú inteiro desde que se lhe diga que é *chic*. Levo-o aos theatros...

Dóra

Para embriagal-o.

Josino

A embriaguez é a poesia da vida digestiva, no dizer de um philosopho estomacal. Pul-o na escola do aperitivo ás seis e do champagne á comida. Convenci-o a raspar a barba intonsa, substitui-lhe os oculos de ferro por um monoculo decente; vesti-o no Rabello, arranjei-lhe uma amante supimpa..,

Dóra

Uma amante!

Josino

Então? Que espanto é esse? Pois não havia

de ter uma amante o teu noivo? Sob que pretexto havias de fazer-lhe as scenas de ciume que tanto rendem nas remissões?

Dóra, *despeitada:*

Amante...! Meu noivo tem uma amante!?

Josino

Para figurar, filha. Questão de vista unicamente. Não te incommodes.

Dóra

Tu estás doido!

Josino

Doido? eu?! Mas em que mundo vives tu, priminha angelical? Querem ver que a idéa do casamento começa a embrutecer-te!

Dóra

E tu não te vexas de falar-me em amantes?

Josino

Não te falo das minhas, falo-te na do teu noivo. Que mal ha nisso? Uma amante *chic* é como um animal de raça — luxo de ostentação. Não te queiras dar ares de ingenua commigo. Nós...

Dóra, *arrogantemente:*

Nós... que!?

Josino, *adiantando-se:*

Hein?!

Dóra

Sim! que quer dizer?

Josino

Priminha, mais brandura — eu não venho dos seringaes. Adquiri direitos e... bato-me por elles...!

Dóra, *altiva:*

Que direitos? *(Pausa. Encaram-se — Dóra com atrevimento, Josino com um sorriso ironico, balançando a perna.)* Os seus direitos sobre os meus erros devem ter um preço. Fale!

Josino

Como anda o dinheiro por esta casa! Decididamente é o periodo dos resgates: primeiro as joias...

Dóra

Faça preço!

Josino arremette de repente e sopra-lhe uma palavra ao ouvido. Por entre dentes:

Mi...!

Josino

...seravel! Exactamente como nos dramalhões. *(Outro tom)* Mas estás enganada, prima: isto é comedia e ha de ter o desfecho de comedia.

SCENA II

Os mesmos e CLARA

Clara, *entrando pela esquerda, a menear com a cabeça, penalisada:*

E' demais! Isso é não ter coração. Eu não posso ver uma coisa assim, não posso.

Dóra, *ar aborrecido:*

Que é, vovó?

Clara

Aquella pobre creatura...

Dóra

Que creatura?

Clara

Teu noivo.

Dóra

Que tem?

Clara

Lá está com o francez, aos pinotes, de cesta na cara e espada na mão. Até parece malúco. Hoje ainda não descançou um momento. Sahiu cedinho, sem café...

Josino

Foi á ducha.

Clara

Quando voltou, a mulher já lá estava para a esfregação.

Dóra, *frenetica:*

Maçagem, vovó. Maçagem.

Clara

Ainda não tinha acabado quando chegou o italiano das bólas.

Josino

Haltéres, vovó.

Clara

O pobre de Deus mal enguliu o almoço lá foi esticar os estribos.

Josino

Extensor. Diga — extensor.

Clara

Depois sahiu de carreira.

Josino

Para a electricidade, com certeza.

Clara

Assim que voltou foi logo para o velocipede.

Dóra, *enfesada:*

Bicycléta, vovó. Ah! tambem...

Josino

Dê o nome aos bois.

Clara

Que bois? E lá está agora com o francez apanhando de espada como um negro captivo. Para que isso, não me dirão?

Josino

E' a vida, a energia, a dynamogénese. A velhice é o adormecimento das cellulas nervosas; o meio de despertal-as é esse: o exercicio, a actividade, o *entrainement*. Vovó deve comprehender que um homem, em vesperas de casamento, tem obrigação de retemperar-se para resistir aos encargos da vida conjugal.

Clara

Retemperar-se...?

Josino

Sim, fazer-se fórte.

Clara

Então é numa lufa-lufa assim que a gente se fortalece? Para fortalecer não ha como o bife, os ovos quentes, o chocolate, o mingau de tapioca com ovo. O meu defunto...

Dóra

Já estava tardando o defunto.

Josino

Deixemos os mortos em paz.

Clara

O meu defunto era um homem de ferro e nunca andou com essas coisas, graças a Deus!

Josino

Se se tivesse submettido ao regimen...

Clara

Que regimen?

Josino

Suéco, ainda estaria vivo.

Clara

Pois sim. Esse regimen ainda nos ha de dar que fazer. Um dia elle espicha a canella debaixo da mão da madama ou attracado com as bolas do italiano. Uns diabos de bolas que pesam...!

Josino

Vovó já lhes tomou o peso?

Clara

Uma vez, para experimentar.

Josino

E então?

Clara

Posso lá com aquillo...! Fiquei derreada por mais d'uma semana.

Josino

E não sentiu a reacção?

Clara

Que reacção? O que eu senti foi uma dôr nas cadeiras que ainda não me deixou.

Josino

Devia insistir. Ha de ver o coronel em breve outro homem: lépido, sem rheumatismo, dando a nota.

Clara

Queira Deus!

Josino

Pois eu vou até lá.

Clara

Vai, vai e livra-o daquelle francez damnado. O diabo do homem não tem pena do pobre velho.

Josino entra á esquerda.

SCENA III

Dóra, *depois de um silencio, remirando o trajo de Clara:*

A senhora não se veste, vovó?

Clara

Pois eu não estou vestida, minha filha?

Dóra

Assim, para um *five ó clock?!*

Clara

Eu não appareço na sala, bem sabes. Que venho aqui fazer? Sou uma pobre de Christo que só está bem no seu quiéte. Isso é para você, que é moça. O meu vestido diz com a minha vida. *(Com humildade:)* Eu sei que você tem vergonha de mim... Que hei de fazer? Não sei falar, não sei vestir-me; a minha educação foi muito simples. Sou d'outra éra, a Morte não deu por mim: sou como uma pessôa agasalhada por caridade em um tempo que não é o seu. E' por isto que não saio e vivo sempre mettida commigo, entre os meus santos e os meus molambos: rezando e sorrindo. Descança que não te envergonho no meio das tuas amigas. Até é bom que eu

ande vestida assim porque me tomarão por uma criada.

Dóra

Ahi vem a senhora com as lamurias.

Clara

Não são lamurias, minha filha; eu digo o que é.

Dóra

A senhora não comprehende que a sociedade...

Clara

A sociedade... Que tem a sociedade commigo? A minha sociedade está debaixo da terra, minha filha, e lá em cima: Deus e os meus queridos mortos.

Dóra, *com um momo:*

Então, vovó...

Clara

Não te envergonho, descança. *(Entra á esquerda.)*

SCENA IV

DORA e AMELIA

Dóra encaminha-se para a direita e quasi esbarra em Amelia que entra radiante com uma carta na mão. Veste um elegante vestido de radio palha.

Amelia

Sabes? o Favilla vai fazer leilão — predio e moveis, tudo! Dulce escreveu-me. *(Enthusiasmada:)* O mais bello palacete da praia de Botafogo! Ficamos ali admiravelmente installados. *(Insinuando:)* Fala ao coronel. O prédio póde ser visitado. Vai amanhan com elle.

Dóra, *depois de um silencio:*

A casa do Favilla...? Mas é muito grande para nós.

Amelia

Muito grande? Pouco maior é do que esta.

Dóra

Sim, mas aqui moramos todos. Para um casal...

Amelia

Para um casal...!? Queres dizer que nos despedes da tua companhia?

Dóra

Despedir...

Amelia

Naturalmente. Que é isso senão uma despedida formal?

Dóra

E' que eu...

Amelia

Fala!

Dóra, *desabafando:*

Mamãi, eu sacrifico-me por mim, submetto-me ao ridiculo de tal casamento por interesse e, com a vida que aqui se leva, a fortuna de meu marido, ainda que fosse dez vezes maior, não resistiria dois annos.

Amelia, *com intenção:*

A fortuna de teu marido... *(Outro tom:)* Achas que lhe somos pesados?

Dóra

Acho que as extorsões são excessivas. Nesta casa, incluindo os criados e alguns amigos, só uma pessoa o não explora...

Amelia

Mamãi...?

Dóra

Sim.

Silencio. Amelia remorde os labios, o olhar fito em Dóra que o affronta impassivel.

Amelia

Conhecendo-te como te conheço eu já devia contar com isto. Pois vai! Vai *(com intenção:)* com o teu marido para onde quizeres e sê feliz, mas nos teus apuros não venhas bater á minha porta, entendes?

Dóra

Que apuros?

Amelia

Não me faças falar. Se é para que te não tolham a liberdade nem haja indiscretos em volta de ti... tambem ha muito devias ter deixado esta casa. Não nos terás á beira do teu cofre, mas

alguem metterá nelle as mãos á vontade e tirará o ouro que quizer para calar o que sabe e o que fez, que eu...

Dóra

Mamãi ameaça-me!?

Amelia

Não, não te ameaço. Mas já que descemos tanto, minha filha, antes que te lances á aventura, quero dar-te um conselho e nada te peço por elle. Não te fies na brandura apparente do teu noivo: esses caboclos são como os rios da sua terra — limpidos e serenos á superficie, mas cheios de abysmos e de monstros no fundo e, se por elles passa a tempestade, encapellam-se como o largo oceano.

Dóra, *ironica:*

Mamãi esquece-se que vivemos juntas...

Amelia, *em attitude de desafio:*

E então?

Dóra

Os seus exemplos hão de servir-me nos meus apuros.

Risinho sarcastico. Encaminha-se altivamente para a esquerda e sahe.

SCENA V

AMELIA e MACARIO

Macario, *no salão:*

Sim senhora! Está *chic! E'patant!* A idéa da palmeira é genial! *(Entra.)* Mes compliments, madame. Tens alma de artista. Choras!?

Amelia

Dóra...!

Macario

Temos rusgas, já sei.

Amelia

Insultou-me, Macario. E' uma vibora que creamos ao seio.

Macario

Insultou-te? Não é possivel.

Amelia, *nervosa:*

Insultou-me, sim.

Macario

E vocês que hão de andar sempre ás turras...

Amelia

Atirou-me ao rosto o dinheiro do marido.

Macario

O projectil não é dos que matam.

Amelia

...dizendo — que o exploramos, que lhe cavamos a ruina, só porque lhe suggeri a idéa de realisar uma excellente compra. *(Naturalmente:)* O Favilla faz leilão da casa.

Macario

O Favilla!

Amelia

No sabbado.

Macario

Isso quer dizer que o Plinio... Terá elle desertado?

Amelia

Não sei. Lucia andava muito murcha ultimamente. Foi duas vezes seguidas ao Palace com o mesmo chapeu e no ultimo corso, não a viste?

Macario

Sim: cabriolando.

Amelia, *sem entender:*

Cabriolando!?

Macario

Em cabriolet. Então o Plinio desertou, não ha duvida. Bateu azas. Mas deve ter deixado muitas pennas nas garras da mulher... e do marido. Mas o Frias andava por lá. Terá desistido, pondo a pera de molho?

Amelia

O Frias póde lá com as exigencias da Lucia!

Macario

Emfim, lá se avenham. *(Outro tom:)* Mas então... Dóra...?

Amelia, *lamurienta:*

Respondeu-me, muito cheia de si — que não lhe convinha: «A casa era grande para um casal.» E, como eu repontasse á observação, declarou: Que se separava de nós por sermos... as sangue-sugas do marido.

Macario

Phrases. Vamos ver a pequena, acabar com isto.

Amelia

Não vou!

Macario

Deixa-te de caprichos! Queres fazer scenas justamente á hora das visitas. Ella não deixa de ter razão, isso lá... sejamos francos. O Fortuna tem gasto...! Cortamos largo! Vamos restringir as despezas. Tambem foi com a installação, sempre custa. Agora: credores pagos, joias em casa, a vida nos eixos, podemos reduzir o *budget*. Tu não sabes levar tua filha, abespinhas-te logo. Meu amor, o mundo é dos frios, dos mansos, como eu. A violencia é a bravura dos imprudentes, a suavidade é a força da gotta d'agua. Deixa-te de furores. Vais ver como se arranja tudo. E' lá possivel que a nossa filha unica nos deixe! Historias! *(Prestando attenção á direita:)* Ahi vem o homem. Não convém que te encontre a chorar. Vamos entender-nos com a pequena. Não te mettas: deixa o caso commigo. *(Dá-lhe o braço e vão caminhando para a esquerda)* O Antenor vem dizer-nos versos.

Amelia

Pois sim. Vem mas é encontrar-se com a Quita.

Macario

Tambem elle!?

Amelia

Ora! *(Entram.)*

SCENA VI

FORTUNA e JOSINO

Fortuna, a cara raspada, traja costume claro, calça botinas côr de havana; grande rosa ao peito. Lucta com o monoculo que se lhe não adapta á orbita. Entra vagarosamente, alquebrado. Senta-se, recosta-se e fica um momento a respirar cançado. Josino passeia a saborear um charuto. Curta pausa.

Fortuna

Este vidrinho é que não vai.

Josino

Questão de habito. *(Entalando o monoculo no olho:)* Vê?

Fortuna

E' que o senhor tem olho p'ra coisa, eu não. Demais a mais... eu lhe digo... tenho pena do olho esquerdo. Com os oculos os dois viam, agora com o vidrinho só o direito é que vê. Não é justo. Ambos são filhos de Deus. Eu acabo usando dois

vidrinhos: um em cada olho. A's vezes, no melhor do gosto, bumba! lá se despenca a luneta. Olhe, lá se foi. E a careta que é preciso fazer? Decididamente este Rio de Janeiro é dos diabos! Se eu apparecesse lá no Juruá com esta móda... e esta cara limpa, que nem padre, *(rindo:)* nem sei mesmo! a caboclada era capaz de me tomar por sombração e era uma vez seu Fortuna.

Josino

E com o tratamento? Como vai?

Fortuna

Vou indo. O diabo é que nem sempre tenho tempo para tudo. Ainda hoje não achei uma hora para o meu passeio a cavallo. O resto, fiz tudo. O senhor não me achou lá com o francez?

Josino

E' verdade. Grande atirador!

Fortuna

Não sei se atira bem, sei que p'ra bater é onça! Estou com este lado que só eu sei — é cada rodella roxa deste tamanho. De manhãsinha a ducha no S. Sebastião. E a tromba d'agua hoje estava em-

pororocáda, zunia de fazer medo: parecia uma cobra enrolando-se no meu corpo. Depois a madama que deu agora p'ra forcejar nos meus rins que eu não sei como ainda não puz o bucho pela boca. Com o italiano ando ás voltas com umas garrafas de pau, virando, revirando pela frente, pelas costas, por baixo das pernas, por cima da cabeça... depois as bolas que pesam que não é graça. A borracha é que eu já estico bem, graças a Deus.

Josino

Com a borracha o senhor deve entender-se perfeitamente.

Fortuna

Não é tanto assim. E' preciso ter talento no braço para fazer a coisa dar de si.

Josino

E com o Dr. Toledo?

Fortuna

O da electricidade?

Josino

Sim.

Fortuna

Homem perigoso! Aquillo é que é. Só vendo! A gente entra naquella casa, senta-se numa cadeira acorrentada *(ingenuamente:)* (Parece que é p'ra não fugir...) elle chega p'ra cima da cabeça da gente uma especie de resplendor de santo, cheio de bicos, sacóde um despertador, bóta p'ra baixo uma coisa na parede e é zum! uma zoada como de automovel e começa um pipocar e é cada corisco que não lhe conto. Uma tragedia! Eu não sabia que a coisa era damnada assim e, quando a roda começou a buzinar e as lombriguinhas de fogo rabeando, tive um susto de morte. Ajuntei o servente que estava perto. Ah! meu amigo, botar a mão no rapaz e pegar fogo foi num prompto — cada lingua, meu senhor! Os meus nervos ficaram todos retorcidos. Botei a boca no mundo e arrojei-me do throno abaixo que nem doido. O Dr. acudiu rindo e me acalmou... mas eu estava todo descosido por dentro. Agora estou de gaiola, mais descançado. Chego, sento debaixo d'uma gaiola que está pendurada no tecto, o servente arria-a em cima de mim e eu fico dentro, segurando uma coisa assim a módo de estribo. Estou no choque. Como não se sente nada desconfiei que não havia electrico, mas o Dr. para mostrar que eu estava carregado que nem uma... como é?

Josino

Pilha.

Fortuna

Isso mesmo, deu-me uma lampada para eu segurar e eu dei luz.

Josino

O senhor?!

Fortuna

E' p'ra vèr. Imagine se eu volto assim para o Amazonas... alumío tudo, viro companhia do Gaz.

Josino, *com um gesto energico:*

Mas já se sente mais... forte...?

Fortuna

Parece que está vindo... aos poucos

Josino

Ha de vir.

Fortuna

Queira Deus! Mas olhe que é preciso querer muito a uma pessôa para a gente se sujeitar a tanta calamidade. O Dr. Toledo tem feito curas de espantar. E' verdade que, noutro dia, elle me

disse com aquelle ar de bondade só d'elle: «Eu não sou Deus, coronel. Vou até onde chega a sciencia: não faço milagres.» Mas eu acho que elle está fazendo.

Josino

Já fez experiencia?

Fortuna

Quem?

Josino

O senhor.

Fortuna

Estou rondando.

Josino

Pois tente.

Fortuna

Isso vai devagar, seu Josino. Quem corre cança. *(Outro tom:)* Aquellas beberagens de hontem é que não me fizeram lá muito bem. Foi um trabalho para acertar com a porta e, se não fosse o criado, eu tinha dormido no jardim, em cima de algum canteiro. Se eu não estivesse morando em casa de minha noiva, vá lá! mas aqui não quero dar espectaculo. O criado disse que eu cho-

rei como um bezerro. Ora imagine o senhor a vergonha... se ella me apanhasse chorando. Não! as bebidas não vão muito commigo. E estou descadeirado, molle; parece que levei uma sóva de pau. E o senhor?

Josino

Estou como se me houvesse deitado ás oito da noite, com os anjos.

Fortuna

Está acostumado. O costume é tudo.

Josino

Então hoje... nada?

Fortuna

Hoje vou pôr em dia o somno que está muito atrazado.

Josino

E a Leontine?

Fortuna

Quero lá saber de Leontine...! Tomára eu poder commigo!

Josino

Mas ella espera-o, coronel. Não se lembra que combinamos um passeio ao Leme?

Fortuna

Leme? o meu Leme hoje é a cama.

Josino

Mas passe, ao menos, um telegramma. Se quer...

Fortuna

Pois não, é favor. *(Tira a carteira e dá uma nota a Josino)* Desculpe.

SCENA VII

Os mesmos, MACARIO, PRAXEDES e VICTOR

Macario, Praxedes e Victor entram vagarosamente pelo fundo.

Praxedes

Cahimos em pleno colloquio.

Macario

São inseparaveis.

Victor

Sempre juntos, como o i e o pingo.

Josino

O pingo sou eu. *(Apertos de mão.)*

Praxedes

Então, meu caro coronel, que nos diz do Rio?

Fortuna

Vai-se indo.

Victor

Já intimo.

Macario

Entranhado!

Josino

Conhece-o melhor do que eu.

Macario

Entra-me em casa com o sol.

Praxedes

E' assim madrugador?

Fortuna

Pois não, accordo muito cedo.

Macario

Quando dorme. *(A Praxedes, maliciosamente:)* Anda a desforrar-se dos annos de degredo. Um bilontra, meu amigo. E com este Mentor...

Victor

E' capaz de sahir-nos um joven Telemaco.

Josino

São mais as vozes, hein, coronel?

Fortuna

Fama sem proveito.

Macario

Pois sim. Não é o que por ahi se diz.

Praxedes

E a noiva? Não faz umas scenasinhas de vez em quando?

Josino

A's vezes. *(Riem.)* As senhoras...

Risos no salão. Preludiam ao piano.

Macario

Vamos entrar, coronel?

Fortuna

Estou por tudo.

Praxedes

Aqui fuma-se, não?

Macario

A' vontade. *(A Josino:)* Vens?

Josino

Sim, meu tio.

Macario, Fortuna e Josino entram no salão.

SCENA VIII

PRAXEDES e VICTOR

Praxedes

Christo... entre os dois ladrões. *(Relanceando os olhos pela saleta.)* O que aqui vai de borracha!

Como está isto! E dizer que ainda no mez passado o homensinho esteve quasi a dar á costa acossado por uma letra. E hoje... *(Accende um charuto.)*

Victor

Que quer? entrou-lhe o Pactolo em casa. Pobre homem! *(Outro tom:)* E o Josino? que dirá elle do casamento?

Praxedes

Que ha de dizer, se é uma companhia da qual é elle um dos incorporadores. Negocio da China...! *(Gargalhadas no salão.)*

Victor

Vamos? Pódem notar a nossa ausencia. Estão d'orelha em pé.

Praxedes

Estou fumando.

SCENA IX

Os mesmos e ZUZA

Zuza entra pelo fundo contendo o riso, os homens adiantam-se interessados.

Victor

Que é?

Zuza

Já viram o typo de monóculo?

Praxedes

Que typo?

Zuza

O borrachudo?

Praxedes e Victor

De monóculo!

Zuza

Uma delicia! Vale a pena. Eu já me não podia conter, sahi para não rebentar. C'est plus fort que moi... *(Ri.)*

Praxedes

De monóculo...

Zuza

Imponente!

SCENA X

Os mesmos e DORA

Dóra, *ao fundo:*

Zuza!

Zuza

Hein? Que é, meu amor?

Dóra

Estamos brincando o amigo.

Zuza

Quem está adivinhando?

Dóra

O Dr. Fabio.

Zuza

Que é?

Dóra, *baixo, com o indicador em um dos olhos:*

Olho.

Zuza

Charmante! *(Beija-a e entra.)*

Dóra

Os senhores não vem?

Praxedes

Como não? *(Dóra entra. Suspirando:)* Vamos á estopada.

Victor

Que scie!

Praxedes deixa o charuto em um cinzeiro e entra seguido de Victor.

SCENA XI

FORTUNA, PRAXEDES, ZUZA, FRANCISCA, THEREZINHA,
Um criado no salão; na saleta — uma menina

Convidados formam grupos no salão. Um criado serve refrescos. Ouvem-se risos. VOZES: «De vidro.» «Vivo.» «De canna.» «Oh! Oh!» *Um momento. Uma menina, muito affectada, entra pelo fundo, relancêa os olhos pela sala, abre uma caçoleta de pó de arroz e polvilha-se á pressa, tornando ao salão. Gargalhadas.*

Praxedes

D'agua.

Zuza

Da Providencia.

Fortuna

Sem este vidrinho. *(Riso. Um momento. Gargalhadas.)*

Praxedes

Ora, coronel...

Zuza

Agora o senhor. *(Um momento.)* Pois não! *(Palmas.)*

SCENA XII

JOSINO e QUITA

Aos primeiros accordes ao piano Josino e Quita entram lentamente, de braço.

Quita

A canção de Solveig, de Grieg.

Josino

O amor que lembra a mocidade.

Quita

O senhor deve sentir intensamente esta canção.

Josino

Sinto-a!

Quita

O seu amor da mocidade... vai-se por agua abaixo.

Josino

Leva-o o Amazonas.

Quita

Para o mar largo do esquecimento.

Josino

Não creio. A mulher jamais esquece o seu primeiro amor... e eu...

Quita

Tem certeza?

Josino

Toda.

Quita

Olhe que fala a uma mulher!

Josino, *terno:*

E que mulher!

Quita

O que nós chamamos o primeiro amor é *sempre*...

Josino

O ultimo.

Quita

...aquelle que logrou privar-nos do que ha de mais delicado...

Josino

Não ouso perguntar.

Quita

Porque? sempre malicioso e perverso. *(Continuando:)* Eu dizia: o que ha de mais delicado e puro.

Josino

Ah! e puro...

Quita

Sim, e puro: a illusão.

Josino

E a sua illusão tem ainda raizes profundas?

Quita

Porque pergunta?

Josino

Porque quizera ter as primicias d'uma alma em flor, que seria para mim um sol na triste escuridão em que vivo.

Quita

Accenda uma véla, é mais pratico.

Josino

A' luz dos seus olhos, se permitte.

Quita

O madrigal...

Josino

E' luminoso.

Quita

Mas de palmatoria. Decididamente Dóra exgottou-lhe o espirito, meu caro senhor Josino.

Josino

Refaça-m'o com o seu encanto.

Quita

Ha de ser difficil. Não tenho a habilidade da aranha que tece a teia no ar. *(Palmas no salão.)* Olhe, acabou a musica.

Josino

Para mim ainda não, porque ouço a sua voz.

Quita

Cuidado! Ahi vem D. Therezinha.

Josino

Despejar o veneno.

Quita

Para beber. Lingua terrivel! Não ha mulher honesta para tal senhora.

Josino

E' que ella vê a mulher atravéz do seu temperamento, como os naturalistas vêm a natureza.

SCENA XIII

Os mesmos e THEREZINHA

Therezinha, *maliciosa:*

Arrulhos... L'amour est mort... vive l'amour! Não se perturbem por minha causa. Mas olha lá, Quita, não te prestes a ser remendo.

Quita

Sou muito nova, D. Therezinha; para remendos são preferiveis os pannos velhos. Cedo-lhe o lugar.

Therezinha

Queres zangar-te commigo? Tolinha!

Cinge-a pela cintura. Quita dá de corpo repellindo-a e entra no salão. Therezinha segue-a. Josino accende um cigarro e senta-se cruzando as pernas. Movimento dos convidados no salão. Fortuna entra visivelmente fatigado, seguido de Macario, muito sollicito.

SCENA XIV

JOSINO, MACARIO, FORTUNA; depois DORA; depois MOTTA e PRAXEDES, e AMELIA

Macario

Uma chicara de chá, ao menos.

Fortuna

Nada, obrigado: Bem sabes que não faço ceremonia. Aqui tão só, seu Josino... *(Senta-se preparando um cigarro.)*

Fortuna

Descançando, coronel.

Macario, *a Fortuna:*

Fuma um charuto...

Fortuna

Qual! Não tróco o melhor charuto por um cigarrinho.

Dóra entra como assustada e vai direito a Fortuna.

Dóra, *com interesse:*

Que tem? Está sentindo alguma coisa?

Fortuna, *levantando-se:*

Eu? nada, não senhora. Um pouquinho cançado... *(mostrando o cigarro)* e o vicio.

Macario

E o Antenor, hein?

Dóra, *indifferente:*

E' verdade. *(Baixo a Fortuna:)* Venha commigo:

Praxedes e Motta entram pelo fundo.

Motta

Fuma-se?

Dóra fala cariciosa, seductoramente a Fortuna que se conserva de olhos baixos como alheiado.

Macario

Sim, meu caro. Queres charutos?

Praxedes, *a Josino:*

Tu é que não tiras o cigarro da boca.

Josino, *negligentemente:*

Faço castellos no ar.

Amelia, *ao fundo:*

Dóra! Dóra!

Dóra, *voltando-se:*

Mamãi...!

Amelia

Victor vai recitar.

Dóra

Já vou. *(Baixo a Fortuna:)* Venha commigo! *(Implorando:)* Venha! *(Voz commovida:)* Mau! *(Alto:)* Não querem ouvir...?

Praxedes

Já vamos.

Dóra, *a Fortuna:*

Vamos?

Fortuna

Acabando o cigarro.

Motta

Deixe-nos um pouco o coronel. Nós velhos não somos mais para essas coisas de versos, que diz?

Fortuna

Não, eu gosto. Mas não entendo os de cá: têm muito palavriado.

Josino

Por falta de poesia. São como os pasteis: massa fofa, recheio... pst!

Praxedes

Nem tanto. O Victor, não é por ser meu filho, mas o Victor é poeta.

Motta

Ouvi, uma vez, um verso do Norte bem interessante. Veja lá se conhece.

Fortuna e Josino levantam-se e todos formam grupo em torno de Motta, que recita pausadamente:

Esta noite tive um sonho
Meu Deus, que sonho atrevido!

Fortuna, *concluindo:*

Sonhei que tinha na rede
A forma do teu vestido.

Motta

Isso! Isso! E' bôa, hein? A forma do teu vestido. Que tal, hein?

Vozes, *no salão:*

O coração! O coração!

Dóra, *á porta do fundo:*

Papai, Victor vai recitar...

Macario

Sim, já vamos. *(Dóra entra.)* Conhecem isto?

O grupo aconchega-se e Macario põe-se a recitar, com olhares lubricos, em voz imperceptivel. A physionomia dos circumstantes illumina-se, uma centelha erotica accende-lhes a pupilla. Motta esfrega as mãos. Applausos ao findar e risos.

Motta

Que tal o maganão? E então, coronel? Isto é comnosco, hein? que diz?

Fortuna

No gosto d'isso ha muito. Caboclo é o diabo! *(Riem.)*

Motta

Isso é que me agrada. Lá essas coisas de luares, passarinhos cantando e almas penadas passeiando, fora d'horas, nos cemiterios... uhm!

Victor, *no salão:*

O coração!

Macario

Vamos?

Encaminham-se todos para o fundo em pontas de pés, menos Fortuna. Entram no salão.

Vamos, Fortuna?

Fortuna

Vai indo. Estou estrompado! *(Senta-se)* O diabo da madama me esbandalhou as costellas... Vai indo. Eu já vou.

Macario vai pé ante pé e fica á porta do fundo, encostado ao umbral, ouvindo. Um momento. Dóra apparece, faz um signal ao pai que entra no salão. Fortuna conserva-se immovel, a cabeça descahida, meneando-a de quando em quando em gesto de desalento.

SCENA XV

FORTUNA, DORA e VICTOR, no salão

Durante a recitação das quadras, passo a passo, Dóra encaminha-se para junto de Fortuna, detendo-se a contemplal-o risonha:

Victor, *recitando:*

O coração é um cofre de segredo
Que uma criança póde abrir:
Basta que o toque com um dedo,
Nem tanto até, basta sorrir.

A' força, emtanto, o coração resiste.
Póde á violencia succumbir
Mas do segredo não desiste.
E uma criança o póde abrir...

Ao estrepito das palmas que atroam o salão Fortuna levanta a cabeça e, dando com os olhos em Dóra, que o fita em attitude graciosa e apaixonada, põe-se de pé perturbado. Um momento de enlevo.

Dóra, *com muita meiguice:*

O coração é um cofre de segredo
Que uma criança póde abrir...

E' verdade? *(Fortuna baixa os olhos commovido. Voluptuosamente.)* Diga! *(Fortuna encara-a a fito.)* Fale.

Fortuna

Quer que eu fale?

Dóra

Sim. Porque está zangado? Que lhe fiz...?

Fortuna

A mim?

Dóra

Sim...

Fortuna

Eu... *(sem achar as palavras:)* eu... A verdade... Olhe! *(Com um movimento de raiva.)* A senhora não póde comprehender, não póde. E' muito moça..

Dóra

Mas diga.

Fortuna, *depois de pensar um momento, demudado, olhando-a nos olhos, a fito, duramente:*

A senhora sabe o que é ciume?

Dóra

Ciume! Pois tem ciume de mim?

Fortuna

Mas diga: sabe o que é ciume?

Dóra

Sei.

Fortuna, *dando d'hombros:*

Qual sabe! Ciume... *(Um momento. Outro tom, rude e altivo:)* Eu nunca fui mau, nunca fiz mal a ninguem, nunca! mas, não sei... Essa gente toda a falar com a senhora... Esses moços bonitos que não a deixam com os olhos, acompanhando os seus movimentos como a folha que desce na correnteza das aguas, essas moças que cochicham e riem... O segredo, minha menina, faz sempre scismar: elle que passa devagarinho, pé ante pé, da boca para os ouvidos, sem fazer barulho é porque não vai com boas tenções. Tudo isso e eu, que ainda, felizmente! não sou tão tolo que não me conheça, tão longe delles em tudo: na

idade, na instrucção, nas maneiras... Então a senhora não ha de comparar ? A senhora comprehende o meu caso, seja franca. A verdade não offende. *(Um momento.)* Se mesmo lá no meu sertão, no matto bravo, eu tenho visto homens darem cabo das mulheres por causa de uma fita mais no cabello, d'uma palavra á tôa, d'um olhar descuidado durante a dança... quanto mais aqui! A senhora não póde entrar no meu soffrimento *(Pausa)* Pois é isto...! Mas não estou zangado com a senhora. Zangado, porque? Que culpa tem a senhora de ser bonita? nenhuma, é o seu dom.

Dóra

E o senhor não tem confiança em mim?

Fortuna

Eu?

Dóra

Acha-me capaz de o trahir?

Fortuna

Quando eu digo que a senhora não me comprehende... Mas a senhora não tem culpa, isto é o que eu quero dizer. A culpa não é sua. A flor

tem culpa de que a gente que vai seu caminho se afoite no cerrado bravo levada pelo seu cheiro? não. A lua é criminosa porque tira a gente de casa uma noite inteira? não. A culpa é do cheiro e da luz. Pois é assim tambem com a senhora. A culpa é da sua mocidade, da sua belleza, do seu corpo, com perdão da palavra. Da senhora, não.

Dóra

E então?

Fortuna, *uma pausa, angustiadamente:*

Não sei. *(Pausa.)* Eu tenho medo de mim e tenho pena da senhora. Ainda estamos em tempo de resolver. A senhora está dum lado, eu doutro, podemos tomar o nosso rumo. Mas se a senhora vier para mim é para ser minha, como o coração é do corpo. Assim, sim. Mas isso... *(Como falando comsigo:)* o cheiro da flor vai longe, a luz do luar é de todo o mundo.

Dóra

Oh! o senhor insulta-me, coronel!

Fortuna

Eu? Quando eu digo que a senhora não me comprehende... *(Dóra leva o lenço aos olhos.)*

Não chore, pelo amor de Deus! *(Commovido:)* Eu não sou homem para insultar uma moça. Olhe, entenda o que eu quero dizer, escute.

O salão illumina-se. O criado chega a um canto da saleta e volta o commutador electrico, tornando ao salão.

SCENA XVI

Os mesmos, AMELIA; depois JOSINO

Amelia, *ao fundo:*

Dóra! as meninas já vão. *(Adianta-se surprehendida com a attitude das personagens. Pasmada:)* Que é? Estás chorando? Que foi, coronel?

Fortuna

Nada, minha senhora.

Dóra, *vóz estrangulada:*

Obrigada!

Limpa os olhos e dirige-se para o salão. Amelia segue-a intrigada; na porta do fundo cruza com Josino que entra, de chapeu na mão e bengala. Fortuna fica acabrunhado, como aturdido,

Josino

Então, coronel? Tarde cheia, hein?

Fortuna, *distrahido:*

E' verdade.

Josino

Mas, aqui entre nós... bem estupida. Vou arejar o espirito, refocilar um pouco. Estou saturado de *snobismo* e de maledicencia. Vou fazer uma oração á Santa Verdade e commungar um vermouth no seu altar. Quer vir?

Fortuna

Não.

Josino

Então... até quando?

Fortuna, *encolhendo os hombros:*

Até amanhan...

Apertam-se as mãos. Josino sahe pelo fundo. Um momento.

SCENA XVII

FORTUNA, MACARIO, PRAXEDES, VICTOR, MOTTA, DORA, AMELIA, QUITA, ZUZA, THEREZINHA

As personagens vão apparecendo pouco a pouco ao fundo.

Zuza

Senhor coronel... *(Fortuna adianta-se para comprimentar.)*

Quita

Senhor coronel...

Apertos de mão. As senhoras beijam-se, muito garrulas, risonhas, e vão desapparecendo á direita, no salão,

Praxedes

Lá estamos, coronel. *(A Macario:)* Deixa-te estar, adeus.

Macario

Não, acompanho-te. *(Sahem.)*

Victor

Coronel... *(Sahe.)*

Motta, *abraçando affectuosamente Fortuna:*

Até lá, coronel. Sempre seu, hein!? Sempre seu...

Fortuna

Eu acompanho-o...

Motta, *detendo-o:*

Não, senhor. Nada de ceremonias commigo. *(Inclinando-se-lhe ao hombro:)*

Esta noite tive um sonho,
Meu Deus, que sonho atrevido...

(Rindo) Isto é que é, hein? Adeus, coronel. *(Sahe.)*

SCENA XVIII

FORTUNA e DORA

Fortuna, d'olhos altos, parece seguir um sonho. Suspira arrancadamente. Dóra apparece no salão e, pé ante pé, aproxima-se d'elle e, rápida, dá-lhe um beijo. Elle volta-se surprehendido e ella, que tem recuado até a porta do fundo, fita-o um momento, risonha, atira-lhe um beijo nas pontas dos dedos dizendo, num amúo gracioso: «Máu!» e desapparece no salão.

Fortuna, de pé, aturdido, relancêa os olhos, airado, pela sala; a physionomia demuda-se-lhe passando da feição de surpreza á de desconfiança e, num gesto energico, como que repelle de si, com asco e raiva, alguma coisa torpe.

Panno

TERCEIRO ACTO

Sala mobilada confortavelmente. Mesa ao centro sobre a qual ha um vaso de flores, um par de halteres e um extensor. Divan, poltronas. Porta ao fundo e á esquerda com reposteiros de cretonne ramilhetado. Na parede do fundo uma panoplia de esgrima. No canto da direita uma bicycleta; no canto da esquerda um jogo de maças.

SCENA PRIMEIRA

FORTUNA e CLARA

Clara, de pé, com um ramo de arruda, faz os ultimos passes d'uma benzedura a que passivamente se submette Fortuna estirado no divan, de oculos, a barba já repontada, as mãos cruzadas no ventre. Um fogareiro de barro fumega junto ao divan.

Clara

Em nome do Padre, do Filho... *(boceja escancelladamente)* e do Espirito Santo. Está vendo? Eu não lhe disse? A gente abrindo a boca quando benze uma pessoa é signal de que ella está carregada de maldade. Olhe como eu estou chorando...

Fortuna

E' verdade.

Clara

E ainda ha gente que não acredita. O senhor vai vêr como passa bem o dia de hoje. A questão é sujeitar-se ao preceito: uma vez de manhan em jejum, outra ao bater do meio dia e a terceira á hora santa das Trindade. Garanto que fica bom.

Fortuna

Deus a ouça, D. Clara. *(Senta-se fazendo caramunhas.)* Mas eu acho que o meu mal não é quebranto. Quem havia de pôr quebranto num caco velho como eu?

Clara

Quem?! os invejosos. Inveja do seu dinheiro. Pensa que eu não vejo esses olhos compridos em cima do senhor? Olho mau é o diabo, seu coronel; e ha cada olho neste mundo... *(Muchôcho.)* Olhe, foram os olhos de uma mulher que perderam o meu defunto.

Fortuna

Ah! isso... *(Sentencioso:)* Olho de mulher em cima dum homem...

Clara

E' o diabo! O meu defunto era um homem de peso e medida: sério até ali, muito amigo da casa, incapaz de uma acção feia. Pois d'uma hora para outra ficou... que eu nem sei mesmo, só faltou me dar bordoada por causa d'um estupor de mulher. E não pense o senhor que era bonita... Um alcaide! Mas não sei que tinha nos demonios dos olhos que homem nenhum lhe resistia. Deu pancas!

Fortuna

E o senhor seu marido...?

Clara

Andou quebrando a cabeça atraz della, de rasto que nem cachorro. Parecia coisa feita. Só visto! Quasi me desquitei, e se não dei esse passo foi porque tinha uma filha moça. Pois uma amiga ensinou-me uma oração e foi agua na fervura. Tranquei-me com meu marido no quarto, accendi o fogareiro, rezei e, ás duas por tres, o homem estava outro. Até ficou melhor do que era.

Fortuna

E nunca mais?

Clara

Nunca mais!

Fortuna

Pois eu lhe digo, D. Clara, aqui muito em segredo: Se alguem me poz quebranto foi a sua néta. E queira Deus que a sua oração faça o milagre de livrar-me do feitiço d'aquelle demoninho.

Clara

Quê! Pois então o senhor...!?

Fortuna

Eu lhe digo — isso ia ser uma calamidade para nós dois. Para ella, coitada! porque ia casar com um velho que está mais para a morte do que para a vida; para mim, porque eu ia viver num inferno, ralado de ciumes. Fiz tudo, tudo que me ensinaram, a senhora é testemunha, mas qual! tempo perdido, até parece que foi peior. Agora mesmo é que não presto para nada. O que eu arranjei foi este descadeiramento e esta magrem que me está pondo como um éthico. Já estou muito velho para entrar nesta vida de barafundas: comer fóra d'horas, dormir ás tantas, fazer exercicios desde manhan até a noite. Não posso... E ella não ha de querer enterrar a sua

vida no matto. Demais a mais a senhora não imagina que de horrores me têm cahido em cima, barbaridades de todo calibre e cada figura que eu até tenho vergonha de olhar. Tudo sem nome. *(Mostrando um maço de cartas sobre a mesa:)* Está vendo aquella papelada ali? é tudo descompostura, ameaça, bonecos indecentes.

Clara

Não faça caso. Isto aqui é assim.

Fortuna

Sim, mas eu é que não tenho estomago para essas coisas. Vai do principio em que a gente se fez, não é verdade? Quem está habituado não se importa, mas um homem como eu... Olhe, se eu soubesse quem escreveu uma cartinha que recebi hoje de manhan... palavra d'honra! ainda que eu acabasse os meus dias na Correcção... tirava-lhe as tripas. Muito bom, muito bom, mas não bulam commigo. *(Outro tom:)* Para que? Ella é moça, bonita, educada, póde achar um marido mais a seu geito. Não quero fazer a desgraça de ninguem.

Clara

Mas então o senhor quer desmanchar o casamento?

Fortuna

Não sou eu que quero, são as circumstancias. E que diz a senhora?

Clara

Eu? sei lá! Isso vai ser um dia de juizo nesta casa.

Fortuna

De juizo, diz muito bem. Maluquice seria o casamento. *(Um momento.)* Tenho assumptado muito... Eu é que sei as funduras em que me ia metter... mas caboclo é esperto, não se atóla assim. *(Um momento.)* Olhe, D. Clara, este Rio de Janeiro é como certas lagôas lá do meu sertão. Quem não sabe chega á beira daquellas aguas e pára rendido. E' tudo flor! O cheiro é tanto que chega a fazer tonteira, como o vinho, mas o fundo... o fundo é lama. A gente mexendo um pouco vem tudo ao de cima d'agua e é uma podridão que faz medo. De manhãsinha, com a fresca, antes do nascer do sol, as rampas ficam cobertas de garças, tão alvas que a terra branqueia que nem coalhada. A gente não tem coragem de sahir: o cheiro das flores prende, a belleza do lugar captiva, vai ficando, mas no momento de continuar seu caminho é que são ellas!

entra a tremer de frio, a bater os dentes que nem queixada e, ás vezes, antes do clarear da lua, está acabando sem confissão, envenenado pelo cheiro bom. O Rio de Janeiro é assim — está cheio dessas flores das lagôas. Ora, eu sou caboclo dos mattos bravos, conheço o perigo e vou tratando de escapar antes que o veneno dê conta de mim. E não é cedo para fugir porque atordoado, pelo menos, já eu vou. Emfim... ainda posso ganhar o limpo.

Clara, *resentida:*

Não é tanto assim, seu coronel. Aqui ha de tudo. Na sua terra ha tambem fontes puras, agua limpa, rios sãos, não é verdade?

Fortuna

Isso ha.

Clara

Aqui tambem.

Fortuna

Então é que eu dei justamente na lagôa. E a senhora quer saber? tenho pena da sua neta. A gente, tirando uma flor daquellas, levando-a p'ra casa e mettendo-a nagua limpa ella vive do mesmo módo e o seu cheiro não mata, mas no

meio das outras...! *(Triste:)* Mas sua néta não ha de querer... tambem agora... é tarde. *(Batem á porta.)*

Clara

Bom, senhor coronel, até logo. *(Outro tom:)* E não seja injusto com todos. O Rio tem de tudo.

Fortuna

Eu sei, D. Clara. Pois eu não estou vendo a senhora?

Clara, *mysteriosa:*

Sabe que é isso? falta de religião.

Fortuna

E é mesmo.

Clara

Até logo. O senhor tem gente ahi. *(Outro tom:)* Então ás Ave Marias...?

Fortuna

Sim senhora.

Josino, *fóra:*

Coronel!

Clara

Ih! quem elle é...!

Fortuna

Seu Josino. Isso é mururu bravo. *(Surdamente:)* Até logo!

Clara sahe pela esquerda levando o fogareiro. Fortuna vai abrir a porta do fundo.

SCENA II

FORTUNA e JOSINO

Josino, *entra farejando:*

Que cheiro, coronel! Andaram a defumar isto.

Fortuna

E' verdade. Fui eu que pedi a D. Clara um pouco de alfazema e incenso. Já estava com saudade. Isto faz bem: enxóta a maldade. Sente-se, seu Josino. *(Sentam-se.)* Então que ha de novo?

Josino

Eu é que devo perguntar, coronel. *(Um momento.)* E' então verdade que pretende sahir d'aqui?

Fortuna

Sim senhor: vou passar uns dias na Tijuca.

Josino

Falaram-me em Caxambú...

Fortuna

Póde ser... Este meu estomago não está nada catholico.

Josino

Pois se quizer um secretario...

Fortuna

Secretario! Quem sou eu para ter secretario, seu Josino? Caboclo não tem luxo.

Josino

Um companheiro... Não faça ceremonias, coronel; disponha de mim com franqueza.

Fortuna

Muito obrigado.

Josino, *um momento:*

Pois é verdade... *(Um momento.)* A proposito, sabe? aquelle negocio está encaminhado.

Fortuna

Que negocio?

Josino

Aquelle de que lhe falei...

Fortuna

O senhor tem falado de tanta coisa...

Josino

O cinematographo *up to date.*

Fortuna

Ah!

Josino

E' verdade... Vi algumas fitas... Assombrosas! Imagine o coronel a rainha de Sabá. Sabe, não? a formosa moura que vai a Jerusalem em visita ao rei Salomão. Conhece, não?

Fortuna

Tenho ouvido falar.

Josino

Pois essa. E' uma belleza! A rainha chega em automovel, um automovel daquelle tempo, já

se vê e, mal descobre o rei, zaz! atira para longe a capa e... Imagine o successo. Outra: *Uma orgia no tempo de Nero*... Outra: *Cleopatra e Carlos Magno ou a feiticeira chineza*... scenas escandalosas de effeito maravilhoso. Esta fita tem mil e duzentos metros. Emfim, coronel, o francez, proprietario das fitas, *Charles Vaugirard,* dáme sociedade na empreza mediante dez contos. E' um negocio de lucro certo. A casa já está tomada na Avenida.

Fortuna

Pois é aventurar, seu Josino.

Josino

O diabo é o dinheiro. Os bancos estão muito retrahidos. Eu podia levantar um emprestimo no Allemão, tenho lá credito, mas a quantia é tão pequena... Deixo aquillo para maior lance. O credito em um banco como o Allemão é tudo, não acha?

Fortuna

Pois não.

Josino

Se o coronel quizesse auxiliar-me...

Fortuna

Eu! seu Josino...?

Josino

A tres mezes, a juros de 6 %...

Fortuna

Se a borracha não estivesse tão baixa, não digo que não, mas o senhor não imagina como andam os negocios lá por cima. Os meus aviadores apertam-me, o commercio está fraco...

Josino

E a metade?

Fortuna

Nem isso. O senhor sabe quanto tenho gasto nestes dois mezes de Rio de Janeiro? perto de oitenta contos.

Josino

Sim, o coronel tem gasto, sou testemunha; mas tem gasto brilhantemente! *(Outro tom:)* E dois, coronel?

Fortuna

Não posso, seu Josino. O senhor ha de pensar que estou fazendo miseria, é que estou arro-

chado; facilitei demais e agora vejo-me em difficuldades. Eu tenho, mas está lá em arvores, no matto. Dinheiro na mão, de que eu possa dispôr... Se eu lhe disser que não tenho na carteira duzentos mil reis o senhor ha de dizer que é mentira. Quer ver?

Josino

Pelo amor de Deus, coronel.

Fortuna

Emfim... vinte mil reis... Se o senhor se pudesse remediar com vinte mil reis ainda eu arranjava...

Josino

E' o diabo! Um negocio como não apparece outro. Emfim... *(Outro tom:)* O coronel não sahe?

Fortuna

Ainda não sei, seu Josino. Não estou passando bem e tenho aqui uma conversa com o Macario. O mais certo é não sahir.

Josino

Pois eu vou dar umas voltas por ahi. E' verdade, talvez tenha necessidade de estampilhas por-

que vou ao Banco Allemão, oh! se vou! hei de queimar os ultimos cartuchos.

Fortuna

Se tem confiança faz muito bem.

Josino

O cinematographo é hoje, no Rio, o melhor emprego de capital. O Trancoso, em dois mezes, ganhou setenta contos limpos.

Fortuna

E' dinheiro!

Josino

E o meu então! com aquellas fitas... O senhor ha de ver. *(Outro tom:)* Pois eu aceito o seu offerecimento.

Fortuna

Meu offerecimento...?

Josino

Pois o coronel não disse...?

Fortuna

Ah! os vinte mil reis...?

Josino

Servem para estampilhas.

Fortuna

Ah! bem... *(Dá-lhe uma nota.)* E desculpe...

Josino

Obrigado.

Fortuna

Olhe... o senhor póde ficar com essas bugigangas todas — o velocipede, as espadas, as garrafas de pau, as bólas, tudo. Não quero mais saber dessas coisas. Venda, faça o que quizer.

Josino

Offerecerei ao meu club, em seu nome, coronel. Bom, até logo. E se precisar de alguma coisa, sem ceremonia, é só dizer. *(Sorrindo:)* Para a Leontine... nada?

Fortuna

Qual Leontine, seu Josino. Tomára eu poder commigo. Isso é bom para o senhor, que é moço.

Josino

Pois ella adora-o!

Fortuna

Pois sim... mas o dinheiro é curto.

Josino

Ora, coronel! *(Outro tom)* Bem, até logo. *(Sahe.)*

Fortuna

Adeus, seu Josino.

Fecha a porta e fica um momento ao fundo cabisbaixo, meneando a cabeça, a sorrir maliciosamente. Volta-se, por fim, para a porta e faz uma cruz com os dedos, esconjurando. Senta-se á mesa e põe-se a ordenar as cartas. Batem á porta, vai abrir.

SCENA III

FORTUNA e MACARIO

Macario, *entra fazendo esgares:*

Homem, isto está me cheirando a quarto de mulher...

Fortuna, *sorrindo:*

E' mesmo. Foi uma defumaçãosinha.

Macario

Contra o enguiço? *(Mirando-o:)* Que diabo! Porque não fazes a barba?

Fortuna

Não, quero voltar ao que era. Se Deus me deu barba foi porque achou que assim é que devia ser. E essa historia de estar capinando a cara todo o dia não vai nada commigo. Nasci barbado, barbado hei de morrer.

Macario

Não, lá isso não: barbado é que não nasceste.

Fortuna

E' um modo de falar.

Macario, *um momento:*

Então que ha? Tens alguma coisa a dizer-me? E' grave?

Fortuna, *indo fechar a porta:*

Sim, é. *(Volta direito á mesa, toma uma carta e entrega-a a Macario:)* Lê. *(Emquanto Macario lê méde o aposento a passos vagarosos.)*

Macario, *irrompendo:*

Isto é uma infamia! *(Fita os olhos na carta com indignação. Um momento:)* E tu acreditas nesta calumnia?

Fortuna

Não.

Macario, *assomado:*

Minha filha é uma menina de costumes severissimos, innocente como uma pomba.

Fortuna, *serenamente:*

Nem eu digo o contrario.

Macario

Que diabo! Josino é seu primo, quasi um irmão, foram creados juntos... então não tem direito de brincar com ella?

Fortuna

Não te amofines. Já estou arrependido de te haver mostrado a carta.

Macario

Não, fizeste bem. *(Entre dentes:)* Mas como é torpe este mundo!

Fortuna

Eu não duvido da virtude de tua filha... Esta cárta — e tenho outras no mesmo sentido — não abalou o meu espirito.

Macario

Nem podia abalar.

Fortuna, *dando-lhe outra carta:*

Mas esta, meu velho, foi como uma luz que se fez na escuridão em que me metti.

Macario, *lê e, de repente, desata a gargalhada:*

Mas... tu tomas a serio cartas anonymas?

Fortuna

Quando dizem a verdade, porque não?

Macario

A verdade!

Fortuna

Sim, a verdade. *(Um momento.)* Que papel tenho eu feito desde que cheguei ao Rio senão o de um palerma? Puz abaixo a barba ficando com uma cara lavada que a mim mesmo fazia rir;

deixei os meus oculos por um amaldiçoado vidrinho que nunca se ageitou na minha vista; vestime como um pelintra e puz-me a fazer exercicios que nem palhaço de cavallinhos, a tomar chóques d'agua e fogo, a jogar espada e não sei quantas tolices mais para ter força para casar. Achas isso serio? Sou um homem de idade e velhice não se remenda. Não te parece desproposito a idéa do casamento? Com franqueza: que figura vou eu fazer ao lado de tua filha?

Fortuna, *meio perturbado:*

Tu? a de um protector, de um verdadeiro marido.

Fortuna

Qual historia! Vou ser o que diz a carta.

Macario, *melindrado:*

Mas então julgas minha filha capaz de trahir-te? *(Um momento.)*

Fortuna, *tranquillamente:*

Macario, a natureza é forte: o fogo rompe da cinza, a planta vem do fundo da terra, se acha pedra no caminho dá volta até chegar acima e abrir a rama ao sol. A gente é assim tambem.

Para que havemos de querer abafar a mocidade? Só com sacrificio ella se poderá conservar na virtude e eu, sacrificios, não quero. Matar uma vida? não! O que eu ia fazer era uma maluquice, um crime; mas, graças a Deus, ainda tenho um pouco de juizo na cabeça. Não...!

Macario

Não!? *(Aceno negativo de Fortuna. Um momento.)* Mas tu estás compromettido, Fortuna.

Fortuna

Compromettido! Eu?

Macario

Sim, deves comprehender que, depois do que houve: participação de casamento, a tua intimidade nesta casa, onde te installaste, tudo isso será explorado pela maledicencia com grave prejuiso para a reputação de uma donzella, sobre cuja virtude não deve pairàr, sequer, a sombra de uma suspeita.

Fortuna

Suspeita? suspeita de que?

Macario

Ora, de que!

Fortuna

Sim, que fiz eu?

Macario

Tu? nada... mas vives paredes a dentro com tua noiva.

Fortuna

Coitado de mim...!

Macario

Tu dizes: «Coitado de mim!» mas o mundo perverso murmura — que és um felizardo.

Fortuna

Mas que diabo de mundo é esse!

Macario

E' a sociedade, Fortuna.

Fortuna

Qual sociedade, Macario. Pois então um homem como eu era lá capaz de desgraçar uma moça, filha de um amigo que o hospedou em sua casa? Isso é coisa que entre na cabeça de alguem?

Macario

Queres saber o que dizem por ahi? Espera. *(Vai ao fundo, abre a porta e chama:)* Amelia!

Amelia, *fóra:*

Que é?

Macario

Chega aqui.

Fortuna

Espera, homem... *(Corre para a esquerda.)*

Macario

Onde vais?

Fortuna

Vou arranjar-me. Não hei de apparecer á tua senhora nestes trajes e em chinellas. *(Entra á esquerda.)*

SCENA IV

MACARIO e AMELIA

Amelia, *á porta:*

Que é?

Macario

Entra. *(Baixo:)* Sabes? o homem quer desmanchar o casamento.

Amelia

Como! Porque?

Macario

Cartas anonymas. *(Outro tom:)* Isto é daquella maldita gente do Praxedes.

Amelia, *impaciente:*

Mas vamos ao caso: Que lhe disseste?

Macario

Disse-lhe que não ficava bem, que era um escandalo, que a honra da menina... E sempre o Josino mettido no meio. E' a nossa aza negra!

Amelia

Mas isso não vai assim, Macario. *(Com desprezo:)* Tu és muito molle!

Macario

Molle! Havia de atirar-me ao homem? E se elle bater o pé?

Amelia

Qual bater o pé!

Macario

Fia-te na sua mansidão... *(Outro tom:)* Na-

turalmente constou-lhe alguma coisa, nós temos inimigos, invejosos... Olha o mundo de cartas que ali está. Demais a mais mettido em clubs, com rapazes... *(Coçando a cabeça:)* E' o diabo!

Amelia

Ora deixa-te de historias...!

SCENA V

Os mesmos e FORTUNA

Fortuna entra de veston e calçado. Um momento. Amelia recebe-o com frieza.

Amelia

Então, senhor Fortuna, que resolução é essa de que me falou meu marido...?

Fortuna

Infelizmente...

Amelia, *altiva:*

Infelizmente!

Fortuna

Eu já expuz a Macario a minha situação.

Amelia

É a de minha filha, senhor Fortuna?

Fortuna

A de sua filha?

Amelia

Sim!

Macario

A honra de uma donzella é de vidro.

Fortuna

Mas, minha senhora, as minhas razões...

Amelia

Não ha razões.

Fortuna

Essa agora!

Amelia

Certamente. Ao que parece o senhor quiz apenas um titulo para apresentar-se na sociedade.

Fortuna

Titulo! Como titulo?

Amelia

O de noivo de minha filha. *(Um momento.)* Serviu-se delle para ter accesso no grande mundo e, como pretende retirar-se, rasga-o e nol-o atira aos pés.

Fortuna, *contendo-se:*

Minha senhora...

Amelia

A honra de uma menina, senhor Fortuna, não é uma senha inutil que se despreza depois do espectaculo. Não faltava mais nada...

Macario, *intervindo apaziguadoramente:*

Isto aqui não é o Amazonas, Fortuna; tudo se commenta. Lá...

Fortuna, *com altivez:*

Lá... *(Silencio. Em tom ironico:)* Eu bem sei que isto aqui não é o Amazonas... e tu tambem sabes porque viveste commigo naquellas terras grandes. Isto não é o Amazonas, tens razão. *(Um momento.)* Pois, minha senhora, o casamento é impossivel, não pelo que dizem aquellas cartas de sua filha, que eu respeito, mas pelo que

eu penso de mim. Não sou o marido que lhe convem.

Amelia

E porque a pediu, senhor Fortuna?

Fortuna, *pausadamente:*

Tem razão, minha senhora.

Amelia

Precisava de um titulo, fez-se noivo. *(Arrebatadamente:)* Não é serio!

Fortuna

Eu lhe digo... *(Hesitação)* A gente, ás vezes, fica tonto, perde a cabeça e dá para fazer tolices. Foi o que me aconteceu. Eu não sei onde tinha o juizo quando pedi a mão de sua filha... não sei. Fiz mal, mas tudo se arranja. O que eu não sei é tratar negocio com senhora.

Amelia

Negocio?

Fortuna

Sim, senhora. A senhora diz que eu me servi do titulo de noivo... Lá na minha terra isso não é

titulo, aqui não sei. Pois bem, eu quando me sirvo de alguma coisa, pago. *(Mostrando a bicycleta, a panoplia, etc.)* Olhe, aquillo tudo está pago *(com intenção)* e eu entreguei a seu Josino porque já não me serve. Veja a senhora quanto devo pelo titulo que usei e vamos fazer negocio... *(Movimento de Amelia.)*

Macario, *num impeto:*

Fortuna!

Fortuna

Uai! Não ha offensa nas minhas palavras.

Amelia, *resentida:*

O senhor fala a uma senhora, senhor Fortuna.

Fortuna

Pois então eu não sei? *(Um momento.)* Eu não offendo ninguem, digo o que é. Fiz o pedido, fiz; mas não posso casar. E então? que hei de fazer?

Macario

Eu comprehendo o que queres dizer, Fortu-

na... *(A Amelia:)* Elle quer dizer que faz um dóte á Dóra, não é?

Fortuna

Pois vá lá... um dóte.

Amelia

Um dote?

Fortuna

E', o mais que eu posso fazer, minha senhora.

Macario e Amelia trocam olhares. Fortuna, cabisbaixo, escabicha as unhas.

Amelia

E ella aceitará? *(Fortuna sorri ironicamente.)* O senhor sorri...?

Fortuna

E' meu módo. *(Outro tom.)* Pois é, assim é melhor. Eu fico com a minha consciencia descançada e sua filha tambem. Agora, se não parecesse mal, eu pedia para lhe dizer duas palavras em particular...

Amelia

Pois não. Vou chamal-a. Com licença. *(Sahe pelo fundo.)*

SCENA VI

FORTUNA e MACARIO

Macario

Pois, meu caro Fortuna, lamento profundamente que os teus exaggerados escrupulos desfaçam o mais lindo sonho da minha vida. Verte na minha familia... Poder chamar-te filho...

Fortuna, *com um risinho sarcastico:*

Havia de ser engraçado... *(Subita mudança, severo:)* Não, Macario, eu sou o que sou e hei de morrer como tenho vivido: caboclo do matto, no meu barracão á beira d'agua, mas com a minha cara limpa. Isto é para quem nasceu aqui e conhece os bons e os maus caminhos. No meu seringal sou gente, aqui... Cada qual no seu lugar. *(Altivo, sem arrogancia:)* Demais, queres saber? estas mãos estão limpas de sangue porque nunca a traição chegou á minha porta: tenho uma cachorrada de confiança e rifles que não negam fogo. Agora, depois de velho, já sentindo que a terra está me puxando... não quero. Vi a desgraça diante dos olhos, cheguei a sentir o tremor da raiva... Não!

Macario, *visivelmente perturbado:*

Não te comprehendo, Fortuna.

Fortuna

Não me comprehendes?

Macario

Não.

Fortuna

Pois olha, meu velho, eu não falo atrapalhado como essa gente que vem aqui. No Amazonas, terra de bugres, como vocês dizem, quando uma cabocla vai para os braços do marido levando na cinta o vinco de outros braços o que diz no leito de noiva é: «Ai! Jesus...» se a faca ainda lhe dá tempo para chamar Nosso Senhor. *(Silencio.)* E' assim, tu bem sabes. Eu não podia dizer isto á tua senhora, nem o direi á tua filha, digo-o a ti para que saibas que um caboclo, no seu quiete, vê tudo, não perde nada.

Macario

Mas tu desconfias...?

Fortuna, *resoluto:*

Eu não desconfio, sei tudo, Macario. Agora não ha aqui senhoras, somos nós dois. Sei tudo, tudo! Calei-me em quanto pude... por pena. Agora não. *(Macario succumbe.)* Quando tua mulher cresceu para mim eu estive vai, não vai a mostrar aquellas cartas e a dizer tudo que sei... mas, para que? *(Um momento.)* Olha, Macario, o dinheiro fica *(com intenção:)* eu pago o titulo e o que tu deves fazer é agarrar seu Josino e obrigal-o a reparar o mal que fez. Eu é que não sirvo para rebôco, isso não! Pareço tabatinga molle, mas sou de pedra, meu velho e, quando me ferem, espirro faiscas.

Macario, *humilhado:*

E vais dizer á minha filha...?

Fortuna

Eu? *(Encaram-se: Macario com lagrimas nos olhos, Fortuna compadecido. Acenando negativamente:)* Não... *(Macario aperta-lhe a mão. Commovido.)* Eu tenho coração, Macario.

SCENA VII

Os mesmos e DORA

Dóra, *apparecendo ao fundo em toilette de passeio:*

Dão licença?

Fortuna, *adiantando-se para recebel-a:*

Entre, minha senhora.

Dóra, *entrando:*

Estou chegando da igreja. Mamãi disse-me...

Percebendo a emoção de Macario relanceia os olhos d'um a outro homem entre surprehendida e medrosa. Macario vai sahindo cabisbaixo.

SCENA VIII

FORTUNA e DORA

Dóra

Que é? Que tem papai?

Fortuna

Nada, minha senhora.

Dóra

Mas elle está chorando.

Fortuna, *chegando-lhe uma cadeira:*

E' que falamos do nosso tempo de mocidade, recordamos coisas do velho passado. Uma historia triste.

Dóra

Historia triste...? *(Senta-se machinalmente.)*

Fortuna

Lá da minha terra. Uma mocinha que elle conheceu ainda menina, linda como os amores, coitada!

Dóra

Mas que houve?

Fortuna

Que houve? *(Sorrindo tristemente, d'olhos fitos nella:)* A senhora não póde comprehender os dramas sertanejos. Àquillo lá é outro mundo e alma de caboclo é escura como a noite. A senhora póde lá imaginar o poder do ciume no coração do bugre.

Dóra

Mas conte...

Fortuna

Quer que eu conte? pois vá lá. Essa moça, Mariasinha das contas, das contas porque andava sempre enfeitada de avelorios, que nem uma india, foi vista num baião (baião é uma dança lá das minhas bandas) por um seringueiro do Purús. Era bonita, dengosa e o homem ficou rendido duma vez e naquella mesma noite ajustou casamento com ella. Mariasinha era moça solta, gostava de festas e onde ia, com bogarys nas tranças e o corpo cheirando a pipriòca, era aquella certeza: a rapaziada fazia cerco, um então, Zé Paneiro, que era primo d'ella, esse grudava o pé no rastro da rapariga que nem espuma á popa de navio. O casamento foi marcado para o Natal. Casaram-se. Foi uma festa d'estrondo. O seringueiro tinha um segredo *(com intenção:)* que eu tambem tenho: o conhecimento de uma flor que só nasce em agua muito limpa e tem a virtude de murchar e morrer logo se uma moça... *(com disfarçado vexame:)* que não é pura, péga nella. Mal a Mariasinha entrou no quarto, que estava como um presepe, o seringueiro poz-lhe no peito

uma das taes flores e foi o mesmo que a pôr no fogo. O homem perdeu a cabeça — o seu odio ainda ficou maior que a sua paixão. Agarrou a coitada pelos cabellos, arrancou da faca e exigiu a verdade. Ella disse o nome do Zé Paneiro e o mais que lhe sahiu da boca foi a alma. Imagine agora a senhora a scena. Quando o baile ia no melhor rompe na sala o homem, largado d'uma vez, com a faca na mão pingando sangue á procura de Zé Paneiro. Foi um reboliço, um fogefoge, um horror do inferno. E lá está na beira do rio, debaixo duma sumaúma, a pobre Mariasinha das contas que seu pai conheceu menina.

Dóra, *commovida e medrosa:*

E essa flor...?

Fortuna, *d'olhos cravados nella:*

E' segredo de caboclo, minha senhora. Pois foi por causa deste caso que seu pai chorou... *(Outro tom:)* Agora o que eu quero pedir á senhora é que não me queira mal por eu retirar a palavra que dei. O meu mundo é lá longe, a minha sociedade é outra. A planta nova ainda suppórta á muda, mas uma arvore velha, se lhe mexem nas raizes, morre. A senhora não ha de que-

rer acompanhar-me, aquillo é bruto demais para uma moça da sua educação. Fique, seja feliz. Não lhe peço que se esqueça de mim porque sei que nunca estive no seu pensamento, não passei dos seus olhos e os olhos são como as aguas — não guardam signal do que passa por elles. Seja feliz.

Dóra, *surprehendida:*

Mas então o senhor não se casa commigo?

Fortuna

Não, senhora.

Dóra

Porque?

Fortuna

Seu pai lhe dirá. *(Um momento.)*

Dóra

E volta para o Norte?

Fortuna

No primeiro vapor.

Dóra

Mas, meu Deus!... E queixoso de mim?

Fortuna

Queixoso da senhora? *(Gesto negativo.)*

Dóra

Isto, com certeza, foi alguma intriga... Ha tantos intrigantes nesta terra. O meu casamento tem sido tão commentado, tem despertado tanta inveja. Quem sabe se não lhe disseram alguma coisa a meu respeito? Seja franco.

Fortuna

Quer que eu seja franco?

Dóra

Sim, quero.

Fortuna

Olhe bem para mim... *(Dóra perturba-se.)* Vê estes cabellos brancos? são honras da minha vida. Ha nelles muito dia e muita noite de soffrimento, annos e annos de trabalho porfiado, doenças, desgostos, mas vergonha, minha senhora, nenhuma.

Tenho sido, até hoje, um homem de honra e não mereço... Mas para que havemos de falar nisso...?

Dóra

Não, o senhor esconde-me alguma coisa...

Fortuna, *tomando as cartas:*

Isto.

Dóra

Cartas? Contra mim, apósto. *(Fortuna vai rasgando as cartas uma a uma.)* Que dizem? Deixe-me ver. Mentiras, infamias. Mostre-me uma, uma só. Diga-me um nome.

Fortuna

Para que?

Dóra

Um só.

Fortuna

E não ha senão um.

Dóra

Qual é?

Fortuna, *encarando-a:*

Josino. *(Perturbação de Dóra.)*

Dóra

São delle?

Fortuna

Não, senhora. Não trazem assignatura, indicam apenas o nome de seu Josino. E seu Josino... a senhora sabe. *(Silencio. Sinistramente:)* Para que? Para que seu pai havia de chorar outra vez como chorou pela Mariasinha das contas? *(Dóra recúa instinctivamente.)* Seja feliz e não me queira mal. Eu vou-me embora. Vou e com pena de ter conhecido a senhora porque, se não fosse o segredo que desfez o amor, não sei que seria de mim. Seja muito feliz. *(Sorrindo:)* O que resta das cartas está ahi a seus pés.

Dóra, *voz surda:*

E no seu coração?

Fortuna

No meu coração...?

Dóra

Odio, com certeza.

Fortuna

Odio? Não, senhora. Odio porque? Odio de caboclo não dura muito porque elle logo o afoga em sangue. *(Docemente:)* O que resta é pena. Sou um velho, a senhora é uma criança. E' verdade que me quiz fazer mal, mas o que passou, passou. Seja feliz. E' moça, bonita, bem educada, que mais? Póde ser ainda muito feliz. A flor da minha terra não é conhecida aqui nem os homens são brutos como o seringueiro do Purús.

Dóra, *sem conter as lagrimas:*

O senhor é mau!

Fortuna

Eu? Oh! minha senhora, máu porque me defendo? Isto não é ser máu. Máu eu seria se... Mas não falemos mais nisso, o que passou, passou. A senhora brincou commigo, foi o que foi. Agora é preciso pensar seriamente em si. Olhe, de mim não tem que receiar: o seu segredo está na mes-

ma sepultura em que enterrei o meu amor: um é mortalha do outro. Agora... que mais?

Dóra

Mais nada! *(Sahe arrebatadamente pelo fundo.)*

SCENA IX

FORTUNA, *só:*

Fortuna vai ao fundo, detem-se um momento até perder Dóra de vista; fecha a porta e, vagarosamente, soffredoramente chega até a mesa, revolve com o pé os pedaços das cartas, a pensar. Por fim dirige-se ao divan, senta-se, os cotovellos fincados nos joelhos, a cabeça entre as mãos.

SCENA X

O mesmo e CLARA

Clara, *entra pela direita com o fogareiro fumegando. Chamando:*

Seu coronel! Seu coronel! *(Fortuna levanta a cabeça como estremunhado.)* Está batendo meio dia. Hoje a primeira benzedura foi ás dez horas.

mas, para acertar, faço a segunda agora e a terceira logo mais ás Ave Marias, e amanhan...

Fortuna, *com um sorriso triste:*

Não é preciso mais, D. Clara.

Clara

Porque?

Fortuna

O quebranto já se foi, com a graça de Deus. *(Num suspiro, inclinando a cabeça:)* Estou livre!

Panno

NUVEM

SAINETE

REPRESENTADO NO THEATRO DA EXPOSIÇÃO
A 7 DE SETEMBRO DE 1908

PESSOAL

BERNARDO	Snr. Ferreira de Sousa
EDUARDO	» Ramos
ANGELA	Snr.ª Lucilia Peres
CLELIA	» Luiza de Oliveira
RUTH	» ***
LAVINIA	» Estephania Louro

ACTUALIDADE

ACTO UNICO

Sala de jantar modesta. Mesa ao centro alumiada por uma lampada belga com alparluz. Cadeiras encapadas em cretonne. Um canapé. Vasos de plantas. Portas lateraes e ao fundo com reposteiros de cretonne.

SCENA PRIMEIRA

CLELIA, RUTH e LAVINIA

Ao subir o panno Clelia, á cabeceira da mesa, costura e conta, em tom sereno, a historia da BELLA ADORMECIDA. *Ouvem-na attentamente: Ruth, sentada á mesa, com a boneca entre os braços e Lavinia sentada no chão.*

Clelia, *puxando pontos:*

Quando o principe chegou ao bosque, lembrando-se do que lhe havia dito o genio, olhou em volta procurando a fonte em que devia banhar os olhos para não dormir e viu-a, entre flores, muito clara, cantando. Abaixou-se, banhou demoradamente o rosto e poz-se a caminho, por en-

tre grandes arvores quietas. Não bolia folha, nem passaro voava. O silencio era tão grande que o leve pisar do principe resoava como estrondo. Tudo dormia o somno do encantamento: as arvores, as pedras, a agua dos ribeiros, tudo. O principe caminhava. A's vezes, á volta de uma trilha, apparecia-lhe um caçador immovel, em posição de lançar a frecha. Passava por elle — estava dormindo.

Ruth

E não acordava?

Clelia

Não, porque o somno era de encanto. O palacio de ouro em que dormia a princeza ficava muito longe, no fundo do bosque, e, para lá chegar, havia o principe de subir a sete collinas de cardos, passar sete gelados rios, atravessar sete cavernas negras cheias de serpentes, tambem adormecidas, mas que acordariam assanhadas se elle pisasse alguma.

Lavinia

Que horror! Até a gente fica toda arrepiada.

Clelia

A's vezes, distrahindo-se, o principe tocava em

uma flor, logo, porém, fugia com a mão para que não lhe succedesse adormecer com o perfume. E caminhava. De repente... *(Sôa a campainha. Movimento de todos.)* Estão batendo.

Lavinia

São os pequenos, com certeza. Estão sempre de pagode lá embaixo. Sucia de vadios!

Ruth

Vamos, mamãi. *(Sôa a campainha.)* Ah!

Clelia, *a Lavinia:*

Vai vêr quem é.

Lavinia, *amuada:*

Que aborrecimento! *(Meiga:)* A senhora espera um instantinho, minh'ama?

Clelia

Espero. Mas vai. *(Campainha)* Oh! senhor... *(Lavinia sahe pelo fundo.)*

SCENA II

CLELIA e RUTH

Ruth, *depois de um silencio:*

E o principe, mamãi?

Clelia

Vamos esperar Lavinia.

Ruth, *depois de pensar:*

A senhora era capaz de atravessar um bosque encantado?

Clelia

Com o talisman do genio, porque não?

Ruth

Pois eu... nem com todos os talismans das fadas. *(Depois de um silencio.)* E ha mesmo bosques assim, mamãi?

Clelia

Não, minha filha.

Ruth

Mas encantos ha; não ha?

Clelia

Em olhos bonitos como os teus.

SCENA III

As mesmas, ANGELA e LAVINIA

Angela entra arrebatadamente pelo fundo e, vendo Clelia, que se tem levantado de golpe, surprehendida, atira-se-lhe nos braços, chorando.

Angela

Mamãi!

Clelia

Angela! Que é isto, minha filha?

Angela

Meu marido...

Clelia

Que tem, minha Nossa Senhora...! Querem vêr que foi algum automovel?!

Angela, *voz surda:*

E' um infame!

Clelia, *a Ruth:*

Vai, minha filha. *(A Lavinia:)* Leva-a, não ouves? Estás ahi como uma pateta, olhando. Que é?

Lavinia

Nada não, senhora. *(Entra á esquerda, com Ruth.)*

SCENA IV

ANGELA e CLELIA

Clelia, *atordoada:*

Mas que foi? Que houve? Senta-te.

Sentam-se no canapé.

Angela

Sahi. Deixei-o. Está tudo acabado entre nós. Volto á minha casa pequenina e querida, a pedir

o meu leito e o meu pedaço de pão. Aqui terei seguro o amor... que não trahe.

Clelia

Mas que houve? Vivias tão bem... Ainda na ultima carta que me escreveste falavas da tua felicidade.

Angela

Felicidade exterior, mamãi; ventura apparente que é, ás vezes, disfarce de soffrimento. Vestidos, joias, festas... que é isso? Não sou vaidosa. Quizera mais affecto e menos fausto. Infelizmente o affecto só o coração o póde dar, o mais... compra-se.

Clelia

Minha filha, o mundo é mau. Não dês ouvidos á intriga. Olha que eu tambem, nos primeiros annos de casada, soffri horrores: eram cartas anonymas, insinuações... Um inferno!

Angela

Mas mamãi nunca viu, nunca surprehendeu papai em flagrante.

Clelia

Ah! isso nunca! louvado seja Deus! E tu?

Angela

Eu vi!

Clelia

Viste?! Quando?

Angela

Hoje.

Clelia

E onde, menina?

Angela

Em minha casa.

Clelia

Em tua casa!

Angela

Sim, senhora. No *five ó clock*...

Clelia

Eu não digo! São essas coisas estrangeiras

que estão dando cabo da moral e da religião. Mas fala...

Angela

Entre as amigas que frequentam os meus *five ó clocks* vai uma tal Ermelinda, sujeitinha muito espevitada, mettida a parisiense, que é um perigo! Tomou-se de amores por Eduardo e entrou a perseguil-o sem rebuço, sempre a gabar o seu gosto, a pedir-lhe informações sobre modas, a consultal-o sobre romances ouvindo-o a sorrir, quebrando languidamente os olhos, a arfar para fazer sobresahir o collo. Uma vergonha, mamãi. Afinal, ainda que tenha pouca pratica do mundo, não sou tola, nem quero que por tal me tomem. Decidi não convidal-a para a minha casa.

Clelia

E onde fazia ella as taes consultas a teu marido?

Angela

Onde? na Cavé, no Bar, no *Mourisco*... em toda a parte.

Clelia

Ah!

Angela

Não a convidei. Mas a mulherinha, que é ousada, a pretexto de pedir-me para tomar parte em uma festa de caridade, lá me appareceu em casa e, depois da primeira quinta feira, nunca mais faltou... nem ella nem meu marido.

Clelia

Teu marido...? Pois elle havia de faltar ás tuas recepções, minha filha?

Angela

Porque não? se antes da ida da Ermelinda nunca as honrara com a sua presença. Tanto, porém, que soube que a tal senhora era assidua tornou-se infallivel: era o primeiro a chegar. Hoje, emquanto eu servia o chá, ouvindo a Noemia cantar a ultima canção do Nepomuceno, — Mamãi conhece bem a minha casa: Ermelinda achava-se no meu *boudoir,* que, como sabe, fica á direita do salão, a arranjar o vestido ou não sei quê — Eduardo levantou-se sorrateiramente e, pé ante pé...

Clelia

Foi atraz della...

Angela

Foi. Tive impetos de fazer um escandalo ali mesmo; mas contive-me. Continuei a servir o chá. A mão tremia-me, um nó apertava-me a garganta, faltava-me o ar. De repente, perdendo a cabeça, entrei no *boudoir*... Sabe como os encontrei?

Clelia, *vexada:*

Oh! minha filha... pois ali...? Cruzes!

Angela

Sabe?!

Clelia

Eu sei lá!

Angela

Assim...

Ajoelha-se, toma as mãos ambas a Clelia e fita nella os olhos com ardor.

Senti o coração subir-me á boca, estive para atirar-me a ambos, agatanhal-os, gritar, mas não pude dizer palavra: cahi como fulminada. Ah! mamãi, isso dóe! Uma traição assim... *(Chóra.)*

Clelia, *commovida:*

Sim, sim... Mas não chores. Quem sabe lá? Elle podia estar contando alguma coisa.

Angela

De joelhos!? Com as mãos della nas suas... Ali no *boudoir...?*

Clelia

Filha, eu não entendo disso. No meu tempo um homem não se ajoelhava aos pés de uma mulher nem entrava com ella em *boudoirs,* mesmo porque não havia disso. Hoje... Emfim, seja como fôr, acho que deves pensar. Olha, ahi vem teu pai.

SCENA V

As mesmas e BERNARDO

Bernardo, *entrando pela esquerda:*

E' Angela?

Angela, *adiantando-se:*

Eu mesma, papai. *(Beija-o.)*

Bernardo

Disse-me a pequena. Estás chorando? Que ha?

Clelia

Deixou o marido.

Bernardo, *carregando o cenho:*

Hein!

Angela

Sim, papai: deixei-o e venho pedir-lhe agasalho.

Bernardo

Filha, nesta casa nasceste: é tua... mas... Explica-me isto: deixaste o teu marido... porque?

Clelia

Encontrou-o no *boudoir,* aos pés de uma mulher.

Bernardo

Aos pés de uma mulher? Que mulher?

Angela

Papai não conhece.

Bernardo

Sim, minha filha: não conheço — sou homem do pequeno mundo... e não o tróco pelo outro. Mas vamos ao caso. E depois?

Angela

Depois quê?

Bernardo

Elle estava aos pés da tal senhora?

Angela

Estava.

Bernardo

De joelhos?

Angela

Sim senhor.

Bernardo

E ella de pé?

Angela

Sim.

Bernardo

Então...

Angela

Então quê?

Bernardo

Não ha motivo para lagrimas e, muito menos, para o abandono do lar. O homem de joelhos, a mulher de pé... não ha perigo. *(Outro tom:)* Não foste habil, minha filha. Entrando no *boudoir* e vendo a tal scena devota devias ter levantado teu marido offerecendo-lhe gentilmente o braço e reconduzindo-o ao salão. Imagina a cara da outra. Darias, a ambos, uma lição de mestra. Tiveste um ataque, aposto?

Angela

Medonho!

Bernardo

E' isso. E houve escandalo?

Angela

Não sei. Quando voltei a mim estava no divan, cercada de amigas.

Bernardo

E ella?

Angela

Tambem.

Bernardo

Mulher forte! E queres que te diga? salvou-te do ridiculo.

Angela

A mim?

Bernardo

Naturalmente. Com a presença de espirito — ou que outro nome lhe dês — evitou a suspeita que faria de ti uma victima da bôa fé. E o excesso de bôa fé, minha filha, é fraqueza de percepção. Garanto-te que ella arranjou, de prompto, uma explicação para o caso de modo a sahir-se galhardamente. Deves-lhe este obsequio. Agora descança um momento e volta para a tua casa, irás commigo, ou com o teu marido, que não deve tardar. Não se desfaz uma alliança de amor pela leviandade de um momento. O espirito perde, por vezes, o equilibrio e cahe nessas falhas

da seducção. Teu marido tropeçou, cahiu de joelhos? offerece-lhe a mão e levanta-o.

Clelia

Teu pai tem razão, minha filha. *(Campainha.)*

Bernardo

Olha... Talvez seja elle.

Angela

Não o quero ver. Detesto-o!

Clelia

Não o queres ver?

Angela

Não, mamãi. E' um monstro!

Bernardo

Pois sim. Tu já fizeste a accusação, é justo que eu tambem ouça a defeza. Vai com tua mãi lá para dentro. Deixa-me com elle. *(Campainha.)*

SCENA VI

Os mesmos e LAVINIA

Lavinia sahe da esquerda, encaminhando-se, á pressa, para a porta do fundo.

Angela

Será elle!

Bernardo

E', com certeza. Vai. *(Angela e Clelia entram á direita. A Lavinia:)* Olha, se fôr o senhor Eduardo não lhe digas que Angela está aqui, ouviste?

Lavinia

Nem que elle pergunte? *(Campainha.)*

Bernardo

Nem que pergunte. Não sabes. Vai.

Lavinia sahe pelo fundo, a correr.

SCENA VII

BERNARDO, *só, passeiando pela sala:*

Ora, valha-me Deus! *(Toma um jornal, desdobra-o e senta-se á cabeceira da mesa.)* A mãi era assim... *(Menea a cabeça sorrindo. Ao ouvir passos finge que lê. Eduardo apparece ao fundo seguido de Lavinia, que atravessa a scena, entrando á esquerda.)*

SCENA VIII

BERNARDO e EDUARDO

Eduardo, *ao fundo:*

Dá licença?

Bernardo, *voltando-se:*

Oh! *(Levanta-se.)* Por aqui a esta hora! Isto é novidade grande!

Eduardo, *meio vexado:*

Novidade...! Como novidade? Angela não está aqui?

Bernardo

Angela? Não.

Eduardo, *estupefacto:*

Não está aqui!?

Bernardo

Não, não está. Mas houve alguma coisa?

Eduardo

E' que ella sahiu de casa...

Bernardo

E disse que vinha para cá?

Eduardo

Não, não disse; mas era de suppôr.

Bernardo

Pois aqui não appareceu. Mas é cedo — oito e meia. Póde ser que ainda venha. Sente-se.

Eduardo

E' que Angela abandonou a casa.

Bernardo

Abandonou a casa!

Eduardo, ***succumbido:***

Sim senhor.

Bernardo

Hum!... Conheço minha filha. O senhor fez-lhe alguma.

Eduardo

Eu? garanto-lhe... Foi uma tolice, uma rebentina do ciume.

Bernardo

Ciume?! Olhe, meu amigo, o ciume é uma lanterna furta fogo que as mulheres projectam sobre as nossas faltas.

Eduardo

Mas não houve motivo, juro-lhe. Imagine o senhor que hoje — era a sua recepção — estava-

mos reunidos na sala, arrastando pesadamente a conversa, quando tive ideia de fazer uma brincadeira innocente e interessante e pedi o auxilio de uma das senhoras presentes. Era uma sessão de cumberlandismo, sabe?

Bernardo

Cumberlandismo...?

Eduardo

E' um processo divinatorio.

Bernardo

Comprehendo. No meu tempo era o vispora.

Eduardo

O vispora!?

Bernardo

Sim. Mas vamos adiante.

Eduardo

A senhora entrou no *boudoir*, eu segui-a. Não

haviamos de combinar os passes na sala, diante de todos.

Bernardo

De certo; seria uma pouca vergonha.

Bernardo

Pouca vergonha!?

Bernardo

Quero dizer... Mas vamos adiante.

Eduardo

Estavamos a combinar os passes quando Angela entrou de repellão e, vendo-me de joelhos, a ensaiar com a senhora — uma senhora distinctissima! — cahiu com um ataque. E que ataque!

Bernardo

Conheço-os. Tive-os em primeira mão, nos primeiros annos de casado. São de familia.

Eduardo

A pobre senhora, para evitar o escandalo, in-

ventou uma desculpa e tudo ficou entre nós, ainda que a maledicencia boquejasse á surdina, pelos cantos. A senhora é casada e o senhor comprehende que, em minha casa, a dois passos de uma sala cheia de gente... só mesmo se eu estivesse doido varrido.

Bernardo

Isso é verdade.

Eduardo

Depois da retirada das visitas, em vista da superexcitação de Angela, como ando desconfiado de certa coisa...

Bernardo

Parabens.

Eduardo

...para prevenir qualquer accidente, fui procurar M.me Michaud, a dois passos de nós. Felizmente não a encontrei. Digo felizmente porque, ao regressar á casa, de Angela achei apenas este bilhete em cima da minha secretaria.

Tira um bilhetinho da carteira e lê:

«Não procure saber de mim: morri para o senhor.»

Bernardo

E... como ella disse que morreu o senhor veiu ao cemiterio procural-a...?

Eduardo

Ao cemiterio, não. Ao Paraiso.

Bernardo

Pois, meu caro, sinto muito dizer-lhe que no Paraiso não está. Sua mulher morreu em peccado mortal, o 4.º, a ira, deve estar no inferno. Vá até lá, não é longe. Tem sete caminhos que lá vão ter e no terceiro o senhor é transeunte diario.

Eduardo

Qual é elle?

Bernardo, *com simulada severidade:*

A Luxuria, meu caro senhor. *(Movimento de Eduardo. Com um olhar d'esguelha á direita:)* Não lhe falo como homem, falo-lhe como sogro. O homem perdoaria ao homem, ao seu semelhante; o sogro não desculpa o genro, mesmo porque o

genro não é semelhante ao sogro. Se o senhor se tivesse ajoelhado aos pés de uma senhora para cumberlandismo, para o vispora ou para outra coisa qualquer, fóra de sua casa, poderia allegar, como attenuante, a distancia, mas no proprio lar, no mais intimo dos aposentos... Oh!

Eduardo, *com dignidade:*

Perdão, mas o senhor está convencido de que eu sou um indigno?

Bernardo, *baixo:*

Estou convencido de que Angela está ali atraz da porta a ouvir-nos... E eu vou acabar com isto. Vou insultal-o. *(Alto:)* Sim, um indigno!

Eduardo, *surprehendido, voz surda:*

Angela! Ali...!?

Bernardo, *baixo:*

Sim, com a mãi. Eu vou ser violento. *(Alto:)* Um devasso! *(Baixo:)* Se fôr preciso fingirei que chego a vias de facto, não se importe. *(Alto:)* Um homem de bem não faria o que o senhor fez!

(Baixo:) Vou fazer um cumberlandismo para curar o mal que o outro produziu. Ouça com resignação todo o meu furor. *(Alto:)* Um homem casado tem o dever de respeitar a sua casa, que é um templo. E que fez o senhor? ajoelhou-se aos pés de uma mulher, tomou-lhe as mãos, cobriu-as de beijos.

Eduardo

E' falso! Não as beijei.

Bernardo

Beijou-as, não negue. E, se não as beijou foi porque não lhe deram tempo, mas tinha intenção de beijal-as. A intenção existia. O senhor é um traste, como se dizia no meu tempo. Mentiu, como um vilão, ao juramento sagrado que fez á minha filha. O seu procedimento é indigno, proprio de um miseravel. *(Baixo:)* Revolte-se homem!

Eduardo

Senhor!

Bernardo

Proprio de um miseravel, repito! E o senhor tem o desplante atrevido de vir a uma casa ho-

nesta procurar a mulher que ultrajou com egoismo. Isto é um refugio honrado. Não ha aqui *boudoirs* nem mulheres que se prestem a adivinhações. Minha filha morreu para o senhor. Rezelhe pela alma. A Lei não permitte o divorcio? forço-a, violo-a para salvar do opprobrio áquella que vi nascer, que muita vez embalei nestes braços, que cresceu á minha sombra.

Eduardo

Pugnarei pelos meus direitos.

Bernardo

Que direitos? Ha lá direitos para homens da sua laia?

Eduardo

E' minha mulher, ha de seguir-me!

Bernardo

Seguil-o! Para onde?

Eduardo

Para a casa.

Bernardo

Casa!? Quer dizer: o *boudoir* profanado, o charco.

Eduardo

Senhor!

Bernardo, *investindo:*

Ameaça-me! O senhor ameaça-me?! Saia! Saia, se não quer que eu o atire pela janella.

SCENA IX

Os mesmos, CLELIA e ANGELA

Abre-se, de repente, a porta da direita e Clelia e Angela precipitam-se em scena. Clelia agarra-se a Bernardo, Angela abraça-se com Eduardo.

Clelia

Que é isto, Bernardo. Que coisa feia!

Angela

Eduardo!

Eduardo, *beijando-a:*

Angela!

Bernardo

Quê! Pois a senhora abraça um miseravel? deixa-se beijar por elle...!

Angela

Não fale assim, papai.

Clelia

Isto não te fica bem, meu velho.

Bernardo

Como não me fica bem? Então a senhora acha decente, honesto que o marido de sua filha ajoelhe-se aos pés de uma mulher e faça declarações de amor... Acha?

Angela

Mas elle não fez declaração alguma.

Bernardo

Não as fez com palavras, mas fel-as com beijos que são mais eloquentes.

Angela

Quem lhe falou em beijos?

Bernardo

Quem? tu! Que elle lhe beijava as mãos.

Angela

Perdão, papai — eu disse que elle estava com as mãos della nas delle. Não foi isto, mamãi?

Clelia

Foi.

Bernardo

Ora! das mãos aos labios vai pouco.

Angela

Vai muito!

Bernardo

Mau! Mau! *(Cruzando com violencia os braços:)* Então que diabo fazia elle, faça-me o favor de dizer?

Eduardo

Já lhe disse que estava ensaiando um divertimento.

Clelia

Um jogo de salão.

Bernardo

Ah! um jogo de salão... no *boudoir,* a portas fechadas...?

Angela

Como a portas fechadas? nem ha porta, apenas um reposteiro e estava corrido.

Eduardo

Não havia mysterio, todos podiam ver-me e eu combinava os passes.

Bernardo

Ou uma entrevista com a tal perdida.

Angela

Perdida!?

Bernardo

Tu o disseste...

Angela

Eu não, papai. Não disse tal! Seria uma calumnia.

Clelia, *áparte, com as mãos na cabeça:*

Que agua suja, minha Nossa Senhora!

Bernardo

Não disseste?

Angela

Eu, não. Eu não podia dizer tal quando sei que é uma senhora casada. Demais... eu não recebo perdidas em minha casa.

Eduardo

E' uma moça alegre, espirituosa, viva, gosta de brincar.

Bernardo

Faço idêa!

Eduardo, *continuando:*

...mas nada se allega contra a sua virtude, não é verdade, Angela? Como esposa é exemplar.

Angela

Muito amiga do marido. Um pouco leviana, mas da sua virtude não ha que dizer.

Bernardo, *depois de um instante:*

Em summa: houve ou não houve o tal escandalo?

Eduardo

Houve um impeto de ciume injusto. *(A Angela:)* Confessa...

Angela

Sim, mas passou. Não falemos mais nisso.

Bernardo

De sorte que... *(A Eduardo:)* nem o senhor incorreu em falta que mereça censura... *(A Angela:)* nem a tal senhora é a doidivanas que descreveste...?

Angela

Perdi a cabeça. Passou-me uma nuvem pelos olhos... não sei.

Bernardo

Ah! uma nuvem... Pois, minha filha, cuidado com essas nuvens que são perigosas. Sóbem assim pequeninas, desfazem-se; mas lá vem um dia em que surgem negras, incham, crescem escurecendo ceus e terras... é a borrasca. E lá se vai tudo, minha filha, tudo! *(Outro tom:)* E agora decidamos, não tenho tempo a perder, ha paquete amanhan e a minha correspondencia está toda por despachar: Ficas no teu antigo quarto de solteira, que ainda lá está como o deixaste, ou voltas para o *boudoir?*

Angela, *sorrindo, vexada:*

Eu... *(Volta-se para Eduardo e, vendo-o a conter o riso, desconfia:)* De que ris? *(Eduardo desata a gargalhada. Bernardo ri escancelladamente.)* O senhor tambem, papai?

Bernardo

Rimos sim, rimos. Pois haviamos de tomar a serio uma criançada, filha? *(Abraça-a.)* Então

porque teu marido combina um brinquedo diante de ti fazes uma scena de escandalo e abandonas a casa? Isso tem lá geito?! Tolice! Que farias tu se o surprehendesses em flagrante delicto, mas a serio, hein?

Angela, *voz de chôro:*

Matava-o e suicidava-me!

Clelia

Que o diabo seja surdo!

Bernardo

Uma tragedia e das bôas! *(Vendo-a chorar:)* Não, tudo menos isso; nada de choradeira nem de ataques. Aproveitemos estes minutos em que estamos juntos.

Angela

Mas então essa scena violenta...

Bernardo

Violentissima! Suei deveras...! Estou alagado.

Eduardo

E eu...!

Clelia

E eu...!

Bernardo

Tão verdadeira como a do *boudoir*.

Clelia

O quê, Bernardo... Pois tu...!?

Bernardo

E' o que te digo, minha velha. *(A Angela:)* Viste-me capaz de engulir teu marido, não é verdade? e aqui estou, apenas capaz de trincar umas torradas.

Eduardo, *a Angela:*

Viste-me aos pés da tua amiga *(ajoelhando-se:)* pois aqui me tens aos teus. Eu ensaiava um divertimento para ser agradavel ás tuas visitas e agora...

Angela

Representas a comedia...?

Bernardo

Nada de recriminações. Pazes, pazes. Entramos na alegria, vamos por ella dentro.

Eduardo

Não, agora beijo-te as mãos jurando que nunca me passou pela mente outra idéa senão a de tornar interessante o teu *five ó clock*. Aqui tens o teu bilhete ingrato. Rasga-o. Nelle está annunciada a tua morte, o teu sorriso diz-me que resuscitaste para o meu amor.

Bernardo, *áparte:*

Uhm! Agora creio no cumberlandismo. Sabe-a toda o sujeito. E' de lábia!

Angela

E juras?

Eduardo

Pelos teus olhos!

Angela

Pois sim... Mas eu não quero mais *five ó clock* lá em casa.

Bernardo

Isso, filha. Chá em portuguez e á noite, com torradas, como no velho tempo. Não concordas, minha velha?

Clelia

Eu não sei como se póde ceiar antes do jantar.

Eduardo

Como ceiar?

Clelia

Pois então...? chá ás cinco...

Bernardo

E, ás vezes, de garfo.

Clelia

E depois não jantam? Olhem que é preciso ter estomago...!

SCENA X

Os mesmos, LAVINIA e RUTH

Lavinia, *apparecendo á esquerda:*

Posso servir o chá?

Bernardo

Sim, pódes. E não é sem tempo.

Ruth sahe da esquerda e corre a abraçar Clelia. Lavinia desapparece.

Clelia

Ainda acordada. Não tens somno?

Ruth

E' tão cedo!

Angela, *a Ruth:*

Estás ficando muito bonita. *(Beija-a.)*

Eduardo

Linda! E eu? não tenho um beijo? *(Ruth beija-o.)*

Bernardo

Bem, vamos ao chá. Chá á antiga, como no bom tempo patriarchal. *(A Angela:)* Vejo que estás com pressa de recolher — depois de uma dessas nuvens é com intensa alegria que a gente sahe a gosar o sol — mas uma chicara de chá toma-se em um minuto e a companhia dos filhos é sempre um prazer para os pais. Vamos. *(A Clelia:)* E' caso para abençoarmos a tal senhora e o cumberlandismo, sem os quaes tão cedo não teriamos a visita destes ingratos. Vão entrando. Vocês conhecem o caminho.

Lavinia entra com a bandeja do chá e deixa-a sobre a mesa. — Clelia põe-se a servil-o.

Clelia, *baixo a Bernardo:*

Mas então, Bernardo, todo esse escarceu...?

Bernardo

Combinação, minha velha. Processo summario para dar cabo de um arrufo. Se eu maguar-te a mão direita acodes logo, instinctivamente, com a esquerda, não é assim? Foi o que eu fiz: injurei o marido para incitar a mulher a sahir em sua defeza. E foi o que viste. Diplomacia não me falta.

Clelia

Astucioso é que és.

Bernardo

Pois então? a astucia é a diplomacia em mangas de camisa. Mas vamos ao chá antes que esfrie.

Tomam os lugares á mesa.

Panno

JUN 25 1986

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9697
C42Q44
1908
c.1
ROBA

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 08 01 010 9